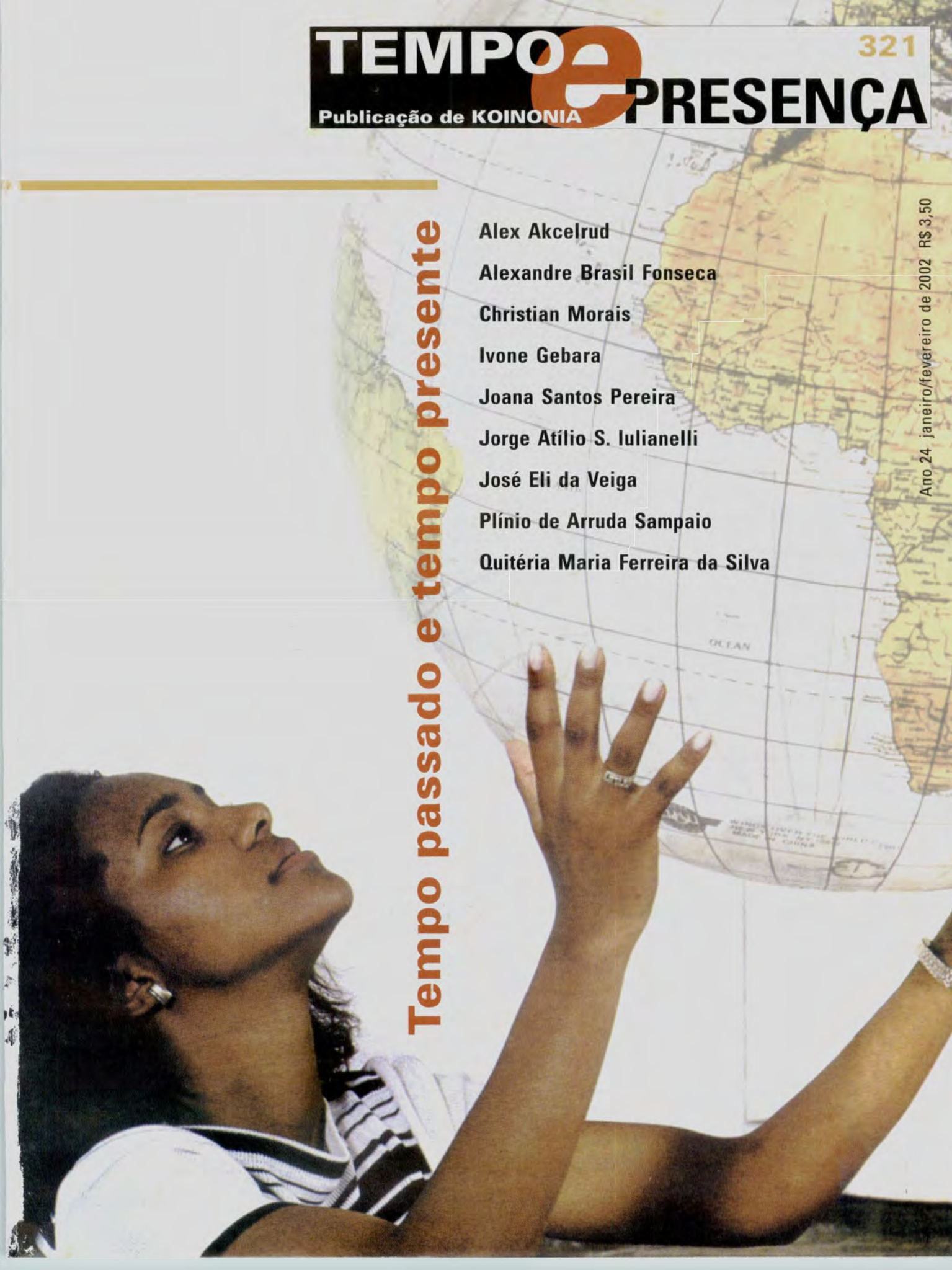
TEMPO e PRESENÇA
Publicação de KOINONIA
321

Tempo passado e tempo presente

Alex Akcelrud
Alexandre Brasil Fonseca
Christian Morais
Ivone Gebara
Joana Santos Pereira
Jorge Atílio S. Iulianelli
José Eli da Veiga
Plínio de Arruda Sampaio
Quitéria Maria Ferreira da Silva

Ano 24 janeiro/fevereiro de 2002 R$ 3,50



PROMOÇÃO

Cebi, Ceca, Cediter, Cese, Cesep, Clai Brasil, Conic, GTME, Unipop, Koinonia

O sonho ecumênico
Diversidade e comunhão
Humanidade reconciliada

11 a 14 de julho de 2002
Mendes, RJ

Em 1994 (1ª Jornada Ecumênica), grandes transformações que aprofundavam o abismo entre ricos e pobres já estavam ocorrendo no mundo. Conflitos culturais, sociais, econômicos e religiosos propunham novos desafios ao movimento ecumênico.

Passados sete anos, quais são as questões que permanecem?

Onde estão e como atuam pessoas e grupos preocupados em ampliar os espaços do diálogo ecumênico?

Será que esse diálogo tem ultrapassado os limites institucionais?

Como se pode dar nos dias de hoje a unidade dos cristãos, a unidade com aqueles que lutam pela justiça, a paz e a integridade da criação e a unidade no diálogo inter-religioso?

INSCRIÇÕES ATÉ 30 DE ABRIL DE 2002
pelo telefone (21) 2224-6713 ou
pelo e-mail jornada@koinonia.org.br
pelo *site* www.koinonia.org.br/jornada

TEMPO e PRESENÇA

Revista bimestral de KOINONIA
Janeiro/fevereiro de 2002
Ano 24 nº 321

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
Rua Santo Amaro, 129
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Telefone (21) 2224-6713
Fax (21) 2221-3016
E-mail koinonia@koinonia.org.br
www.koinonia.org.br

CONSELHO EDITORIAL
Emir Sader
Francisco Catão
Joel Rufino
Maria Emília Lisboa Pacheco
Maria Luiza Rückert
Sérgio Marcus Pinto Lopes
Yara Nogueira Monteiro
CONSELHO CONSULTIVO
Carlos Rodrigues Brandão
Ivone Gebara
Jether Pereira Ramalho
Jurandir Freire Costa
Leonardo Boff
Luiz Eduardo Wanderley
Rubem Alves

EDITOR
José Bittencourt Filho
ORGANIZADOR DESTE NÚMERO
Anivaldo Padilha
EDITORA ASSISTENTE E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Helena Costa
Mtb 18619
EDITORA DE ARTE E DIAGRAMADORA
Anita Slade
COPIDESQUE E REVISOR
Carlos Cunha
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Mara Lúcia Martins
CAPA
Foto Miguel Aun/ *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Antônio Gomes da Costa, Fundação Odebrecht.
PRODUÇÃO GRÁFICA
Roberto Dalmaso
FOTOLITOS
GR3
IMPRESSÃO
Reproarte
Os artigos assinados não traduzem necessariamente a opinião da Revista.
Preço do exemplar avulso
R$ 3,50
Assinatura anual
R$ 21,00
Assinatura de apoio
R$ 28,00
Assinatura/exterior
US$ 50,00
ISSN 0103-569X

SUMÁRIO

KOINONIA

II Fórum Social Mundial: ética de solidariedade por um novo mundo 6

TEMPO PASSADO E TEMPO PRESENTE

CONSTRUÇÃO
O enredo das redes de jovens 7
Joana Santos Pereira

SACRIFICIALISMO
A corajosa necessidade de ser jovem 11
Jorge Atílio S. Iulianelli

ESPINHOS
Juventude no campo – ousadias 16
Quitéria Maria Ferreira da Silva

CONTRAPONTOS
Jovens, evangélicos e eleições 20
Alexandre Brasil Fonseca

TEOLOGIA

Um tempo passado e um tempo presente 24
Ivone Gebara

NAZISSIONISMO

Terra Santa – ódio e *apartheid* palestino 26
Alex Akcelrud

HIPOCRISIA

O racismo cordial está aí 28
Christian Morais

ENTRELINHAS

Brasil rural para além da agropecuária 30
José Eli da Veiga

Um balanço político de 2001 31
Plínio Arruda Sampaio

RUBEM ALVES

Os três reis 33

EDITORIAL

KOINONIA é uma instituição ecumênica assim como ecumênica é a alegria, a paz, a construção, a liberdade e também a tristeza, o medo, a destruição, o esmagamento da vida. No conjunto dos servidores, KOINONIA tem representantes dos que crêem (católicos, protestantes e outros) acima de tudo, no Deus da Vida, da Justiça e da Paz, e ainda representantes de entidades ecumênicas e do movimento social. Pela solidariedade e pela dignidade; contra quaisquer expressões da exclusão e da submissão humana, KOINONIA (em grego, comunhão) afirma seu compromisso radical ecumênico e quer fazer-se sempre presença e serviço.

No bojo das reflexões sobre os descaminhos

da sociedade brasileira e da conjuntura internacional, o tema juventude *é recorrente. Não se pode olvidar a década de 1960, na qual a identificação entre juventude e processos revolucionários representou um marco histórico do século XX. No Brasil, no mesmo período, assim como na tenebrosa década de 1970, as discussões gravitam em torno das minorias radicalizadas, que se engajaram até mesmo na luta armada contra o regime militar, e da maioria da juventude brasileira, imersa num clima de profunda alienação.*

No cenário pós-Guerra Fria, o que presenciamos em verdade tem sido uma pluralidade de 'juventudes', ou seja, desde os adeptos da "geração saúde" até as "tribos urbanas" – estas últimas com um preocupante potencial de agressividade – e ainda, como é o caso dos chamados neonazistas, a presença inquietante de um perfil ideológico difuso. Ao mesmo tempo, não pode deixar de ser registrada a polêmica participação dos "caras-pintadas" nos episódios que antecederam o impedimento de Fernando Collor. De toda maneira, nas últimas quatro décadas a juventude é uma categoria social que participa direta ou indiretamente dos eventos geradores de mudança, sobremodo no plano cultural.

Na atualidade, alguns estudiosos têm-se dedicado ao tema das ações políticas específicas dos jovens, denominadas genericamente de "protagonismo juvenil", e que recobririam desde a militância em favor da preservação ambiental até os violentos protestos contra o Acordo Multilateral de Investimentos (AMI) – não nos esqueçamos de que a maioria dos manifestantes em Seattle e Gênova eram jovens –, que a mídia internacional insiste em qualificar falaciosamente como resistência à globalização. Seguramente, essa participação juvenil irá interferir doravante nas políticas dos organismos multilaterais (ONU e FMI), na proposição de políticas públicas específicas, assim como no rumo das investigações acadêmicas.

Cabe indagar se estaríamos efetivamente presenciando um novo momento no qual importantes segmentos da juventude se estariam convertendo em protagonistas de novas formas de intervenção social. Nesta edição pretendemos apenas dar alguns poucos passos na compreensão do fenômeno, dando preferência ao que tem ocorrido no plano nacional. De qualquer modo, é compensador constatar que o decurso de despolitização do "pensamento único" não tem sido suficiente para impedir que jovens, oriundos de muitas partes do mundo e de diferentes camadas sociais, estejam empenhados na gestação do futuro.

Faça bom proveito!

CARTAS

Para continuar em sintonia com o pensamento e o compromisso em favor dos excluídos, venho renovar minha assinatura de TEMPO e PRESENÇA para o ano de 2002.

Que este instrumento de reflexão continue produzindo frutos de fraternidade!

Que suscite muitas ações que promovam a dignidade humana e sejam decisivas para a construção da PAZ.

Milton Zonta
Videira/SC

Esperança e paz a todos/as que fazem o tempo a partir da presença.

É com imenso carinho que 're-faço' meu compromisso com esta revista, que marca sua presença no diálogo ecumênico e inter-religioso.

O momento é tenso, e a vida sofre o esgarçamento imposto pela lei do mercado: ou a falsa globalização.

Os tempos são delicados e urge que cada cristão vá lutar contra toda a forma de agressividade. Que a esperança supere toda a forma de desânimo. Assim, falou Jesus: "Eu deixo a paz para todo mundo e esta não é a paz que o mundo oferece. Não fiquem perturbados, nem tenham medo"! (João. 14,27).

Que em 2002 possamos estar reforçando nossos laços de amizade, e em conjunto com as Igrejas cristãs e com outras religiões sejamos despojados das garantias institucionais, pois somente assim compreenderemos o esperançoso que existe no íntimo de cada confissão de fé.

Transmito a todos um grande abraço, e que em 2002 sejamos agentes da esperança que sempre teima em nascer apesar do fardo pesado da cultura dominante.

Lamartine Oscar Veiga
Bragança Paulista/SP

Caríssimos escritores e montadores dos artigos da revista TEMPO E PRESENÇA e KOINONIA.

É com grande alegria que quero darlhes os parabéns por mais um ano de trabalho a favor da verdadeira comunicação em crescimento e força de vontade de fazer o ecumenismo crescer nos corações em que a semente dele foi lançada nestes 23 anos.

Sebastião José de Paula
Claro/MG

Reconheço que é uma revista que tem seu valor, bem como todos da igreja, mas acho que não estão conseguindo dar o enfoque certo.

Tenho saudades do tempo dos artigos bíblicos de "Bíblia hoje", de Milton Schwantes, Luiz Mascorvi, etc. Também os artigos de Frei Beto, Leonardo Boff que por si só valem apenas a assinatura.

É claro que a revista deve ter seu objetivo e a quem é dirigida portanto deve ter que gostar do jeito que está.

Provavelmente esta é minha última renovação, mas desejo sucesso para TEMPO E PRESENÇA; sempre vale a pena ter uma revista alternativa.

Atílio Fedalto
Campo Largo/PR

ADENDO
O crédito completo da foto utilizada na capa da edição 320 é o seguinte: "Mulher segura mão de sua filha enquanto caminham em uma fazenda no norte da Tailândia." Unaids/S. Noorani

II Fórum Social Mundial: ética de solidariedade por um novo mundo

O II Fórum Social Mundial foi uma experiência múltipla em significados. A cobertura da imprensa foi muito mais ampla que no primeiro, o que chamou atenção para a sua diversidade interna, seu pluralismo político e até mesmo algumas de suas fragilidades. Foram imagens de uma reunião anti-EUA divulgadas por alguns, de falta de um discurso geral de propostas antineoliberais, de uma "feira" e não um "fórum". Mas o inesperado sempre se superpõe às lógicas desonestas de informação.

Ora, até mesmo o Fórum Econômico reconheceu a importância de uma articulação como a de Porto Alegre que se esforça em reunir, ou melhor expressar a sociedade civil. Rapidamente o eixo colonizado das mentes das editorias brasileiras evitaram o tom de desqualificação direta (afinal até Nova York estava levando a sério), e projetaram a partir de seus ideais de "fórum" comentários e críticas ao II Fórum. Entre todas as discussões apresentadas nos meios de comunicação destacamos uma que pareceu central: a "falta de propostas gerais" associada à idéia de "feira".

Se admitimos que no tom das preocupações debatidas há honestidade e não intenção de desqualificar, de fato o processo geral do II Fórum gera uma angústia da impossibilidade de síntese. Afinal foram cerca de 27 conferências, 24 testemunhos, 137 seminários e 800 oficinas, contadas as atividades do Acampamento de Juventude, ao que se podem somar eventos paralelos e dezenas de programas artísticos e *performances*, além é claro dos atos públicos. Mas a ansiedade de encontrar uma síntese é reflexo de olhares situados no centro da hegemonia econômica atual... aqueles que se confortam, ainda que ingenuamente, com a condução do mundo sob um pensamento único. Ainda assim, para esse tipo de incautos da uniformidade de projetos, apresentados no formato: contra e a favor, o II Fórum apresentou suas críticas e um elenco sugestivo de propostas. Ainda que não se possa chamá-las de unitárias avalia-se o processo a partir do social, da sociedade e da cidadania.

Para KOINONIA a marca da presença ecumênica no II Fórum foi o sonho da construção de um novo mundo a partir do diálogo entre as diversidades. Dois foram os núcleos principais de articulação de nossos esforços em conjunto com outras organizações. Um se deu no Seminário Inter-Religioso do Fórum Social Mundial e outro na Oficina Territórios Negros. O ponto complexo de postura comum entre os dois núcleos tem a ver diretamente com a perspectiva de democracia que o espaço do II Fórum veiculou (mesmo que para muitos apenas simbolicamente).

Se em um espaço quase disperso de iniciativas se poderia prever que as "tribos" se encerrassem em seus temas e apenas usassem Porto Alegre como lugar de propaganda de luta, mais que isso aconteceu. Se, por exemplo, intelectuais da universidade, ou líderes de movimentos, ou de instituições tendem a reproduzir seu discurso de autoridade sem dialogar ou ouvir quando impelidos a comunicar-se em público (num diálogo de "surdos"), o espaço do II Fórum evocou em outra direção... E foi possível ver a disposição para a reflexão e o debate presentes – mesmo em momentos tensos e de repetição de fórmulas e jargões. O poder do discurso dos interlocutores estava posto numa arena comum, na qual não estava em jogo a dominação de uns sobre os outros – assim o sonho é possível. A análise de discursos de líderes de diferentes religiões no Seminário, ou a análise do discurso de líderes negros na Oficina (ou de quaisquer dos interlocutores) não daria conta do movimento de interação presentes. Poder, autoridade, crescimento institucional, competição ou similares são critérios fracos e redutores, incapazes de interpretar a experiência de que KOINONIA participou e foi protagonista no II Fórum Social Mundial.

A experiência e critério de democracia que se podia aprender de lugar tão intenso de debates adveio de uma perspectiva ética. A possibilidade de que todos abrissem mão de um discurso de autoridade foi posta nos ambientes da capital gaúcha. Certamente muitos estiveram por lá e não atenderam a esse convite, cuja base é uma ética de solidariedade – de um mundo que se proponha a ser sem senhores – tão cara à trajetória e história e aos princípios do mundo ecumênico. Assim vimos e nos envolvemos com a reunião simbólica de 60.000 cidadãos do mundo, testemunho irrefutável de que o pensamento único e o autoritarismo são o fim e não a finalidade da humanidade, da *oikoumene*.

O enredo das redes de jovens

Joana Santos Pereira

A encantadora vitalidade das juventudes em movimento, aqui desfila. E houve quem pensasse em alienação, apoliticismo da juventude porque viu-se sem olhos para prescrutar espaços, e formas, e articulações, e movimentos plurais. A Autora projeta as imagens do enredo encantador de jovens protagonistas, de jovens atores. Enredo prepara o clímax. É a alma do romance e da própria vida. "Juventude e Fé"

Dialogar sobre juventude é, sem sombra de dúvidas, estimulador e empolgante. Entretanto, corremos o risco de comparar gerações. Por exemplo, as gerações anteriores aos anos 1970, todos já vivenciaram a plenitude do ser jovem; as manifestações políticas contra a ditadura militar, a contestação pela música, etc. eram formas em que os jovens dos decênios de 1960/70 se expressavam, e contribuíram para grandes mudanças políticas no País. Naquela época, do seu jeito, expressavam sua indignação com a sociedade.

Um dos grandes riscos de estabelecer comparações entre as juventudes, é colocar como único parâmetro a questão da participação política da forma que uma fez e outra deixou de fazer. Talvez, um dos grandes méritos da juventude de hoje, seja, expressar por diferentes formas sua identidade e afirmação com a vida, com a sociedade e com o mundo.

Diferentemente de uma ideologia quase que cristalizada em classificar os jovens de hoje de alienados, apáticos e sem participação política; creio que se faz necessário ter o cuidado, antes de rotular, de conceituar e enquadrar opiniões ou uniformizar pensamentos e ações sobre os jovens. Devemos definir com quem estamos dialogando, e pedagogicamente contextualizar esse diálogo no tempo e no espaço que se está constituindo.

Neste sentido, o importante é saber ou tentar compreender que o diálogo com os jovens de hoje também se expressa em espaços plurais, ou seja, os jovens encontram diferentes formas de agrupamentos, de articulações e de movimentos. Essa diversidade de estilos, maneiras, inquietações e rebeldias, expressa o jeito de ser e fazer-se jovem.

JOVEM, ATOR SOCIAL

Existe hoje na sociedade, uma diversidade de ações, movimentos e organizações juvenis que vai desde as expressões musicais dos jovens dos morros da cidade do Recife, às diversas pastorais – Pastoral de Juventude, Pastoral de Juventude do Meio Popular, Pastoral de Juventude do Meio Rural entre outras espalhadas por todo o Brasil –, às expressões de música e dança nas favelas do Rio de Janeiro (*Funk, Rap...*), aos espaços de elaboração e intervenção de políticas públicas para os jovens pelos Conselhos Municipais para a Juventude, pelos fóruns, ou pela possibilidade de articular essas diversas ações em Redes.

Esta diversidade de expressões juvenis traz ao debate este novo jeito do exercício do *protagonismo juvenil*. Os jovens diversificam além de suas ações, de seu estilo; criam novas modalidades; buscam alternativas de sobrevivência, de participação; se agrupam, contestam, repudiam. Estamos portanto expressando um entendimento do ser protagonista para além de um único ator, uma única representação.

Protagonismo juvenil é então compreendido numa dimensão de participação social; a construção do exercício do protagonismo juvenil está portanto inserida na identidade e participação do jovem enquanto *ator social*.

O aspecto da transformação social também é entendido nesta dimensão do protagonismo juvenil a partir da capacidade dos jovens em demandar ou participar de espaços de interlocução política, criar perspectivas de transformação a partir de leituras de sua própria realidade, atravessar fronteiras, buscar e apresentar atos de solidariedade a povos vizinhos aproximando

pelos seus ideais e lutas o que geograficamante distancia continentes, mundos, ideologias e projetos.

Na medida em que estas expressões apresentam caráter de coletividade buscando quebrar as barreiras do individualismo, fica mais fácil compreender que não estamos falando de uma única juventude, de um único jeito ou padrão de ser jovem, tampouco, de um grupo social homogêneo. Por estas, entre outras razões, é mais compreensível o entendimento pluralizado – *juventude(s)* – jovens que se movimentam, agitam-se, buscam construir sua identidade e afirmação na sua própria vida e na sociedade. Neste aspecto é também um desafio assumir o risco de compreender o exercício do protagonismo juvenil, na qualidade de instrumento de luta e de afirmação desses sujeitos/atores sociais, construtores de sua própria história.

PROTAGONISMO JUVENIL

À luz de diversas experiências, seja por parte de movimentos ou organizações juvenis, seja por parte de entidades, ou de organizações não-governamentais que trabalham com juventude, o protagonismo juvenil é evidenciado à medida que, em dimensões várias, as ações tratam de resgatar e construir *identidades* com a capacidade de: reconhecer-se jovem; identificar-se como classe social; resgatar elementos culturais de seu povo, seu mundo; incorporar o *ser* sujeito integral – identidade de gênero, etnia, raça; relacionar-se com outros jovens trabalhando a dimensão afetiva de amizade, solidariedade, namoro, expressão de opiniões, busca de afirmação; reivindicar direitos; construir sua cidadania; e assumir a fala e a representação de seus próprios movimentos.

As ações, *articulações* próprias dos jovens através de seus movimentos e organizações, demostram capacidades e possibilidades de reconhecimento da diversidade de situações e atuações organizativas, de construção de diálogo com outros atores sociais e promoção de intercâmbios de experiências.

As experiências do trabalho juvenil apontam a dimensão da *formação* e capacitação, neste aspecto, pensada como processo educativo, continuado. A exemplo de iniciativas de seminários, encontros, pesquisas, oficinas e outras que constroem conteúdos a partir de temáticas específicas, e de interesse dos próprios jovens: sexualidade, políticas públicas, educação, cultura, combate à violência, primeiro emprego e outras.

> O diálogo com os jovens de hoje também se expressa em espaços plurais, ou seja, os jovens encontram diferentes formas de agrupamentos, de articulações e de movimentos. Essa diversidade de estilos expressa o seu jeito de ser e de fazer-se jovem

Nesta complexidade e diversidade de ações, certamente que a *metodologia* é o eixo unificador. Ou seja, o método, o jeito de trabalhar deve necessariamente respeitar ou seguir princípios e práticas educativas que motivem os jovens a sentirem-se valorizados, respeitados e estimulados a buscar alternativas e iniciativas de autoestima, de mobilizações e articulações com os demais jovens. Criar espaços de estudos e reflexões que possibilitem construir conhecimentos a começar de conteúdos relacionados com a vida, e a partir destes, descobrir caminhos que possam superar problemas apresentados pela realidade seja na família, seja na escola, seja na comunidade, enfim nos espaços em que estão os jovens, permitindo até que estas questões não fiquem somente no campo dos desejos ou das elaborações de programas e projetos de trabalho, mas, se tornem, de fato, desafios constantes na prática com o trabalho juvenil.

TRABALHO EM REDES

Um dos grandes desafios tem sido a construção, a compreensão, o acompanhamento, enfim, a lógica do trabalho em *Redes* com os jovens. Sob pena de não cairmos no modismo de falar e de criar redes, ou de banalizar os verdadeiros sentidos e significados de trabalhar em redes, resgato a seguir, algumas noções de Redes sobre que vários autores já se pronunciaram:

- Complementariedade de ações para a produção de sentidos;
- Respeito às diferenças e reciprocidade (processo de construção, articulação de forças, soma de energias, mobilizações, ações coletivas, formas de aprendizagem);
- Processo de ação e reflexão;
- Construção de novas relações afetivas e de visão de mundo;
- Projeto de transformação social, alternativa à estrutura piramidal (processo de construção de uma prática político-pedagógica que supere hábitos, métodos e aponte perspectivas de práticas inovadoras).

Na sociedade contemporânea, o termo vem sofrendo sucessivas evoluções, desde a compreensão de seu significado enquanto espaço de comunicação, difusão, associação, relações, sucessão e regularidade de fatos, a acontecimentos, eventos, trocas e intercâmbio de experiências. Nesse uni-

Brioga

II Fórum Mundial Social, janeiro de 2002, Porto Alegre

verso de conceituações e de mudanças, surge na década de 1990, a criação das *Redes de Jovens* no Brasil, que apresentam características e composições bastante diferentes. As afirmações dessa articulação em *Rede* são orientadas a partir dos propósitos da identidade do *ser* jovem enquanto sujeito protagonista social, que se insere no protagonismo de amplos setores populares e democráticos e se mobiliza motivado pela perspectiva de transformação da realidade, da sociedade.

Hoje no Brasil, as *redes* se multiplicam, se cruzam e se entrelaçam com a emergência de novos espaços e fóruns de participação. No trabalho com os jovens, é visível uma multiplicidade de ações: lutas estudantis, partidárias, pastorais, populares ou de bairros e de expressões culturais; lutas que tratam da afirmação de identidades – jovens negros, mulheres, indígenas, homossexuais e outros; iniciativas de cursos de profissionalização para jovens por parte de governos, universidades, prefeituras e organizações não-governamentais; iniciativas de campanhas de mobilização de massa com a juventude por meio de gincanas, acampamentos, festivais, etc. Existem também, iniciativas pontuais de realização de campanhas ou programações pontuais de arte e cultura com os jovens.

Talvez o papel de constituir *redes* seja exatamente este de reforçar a multiplicidade de ações, respeitando as diferenças e a pluridimensionalidade dos fatos, dos temas, dos problemas, das relações, interculturalidade e produção de sentidos, possibilitando assim a construção de uma nova cultura política. Transmitir por esta diversidade de projetos, estilos e lógicas, novos modelos organizativos.

Trabalhar em *redes* possibilita maior envolvimento de jovens no exercício de sua cidadania, mas ao mesmo tempo, pode gerar conflitos e contradições decorrentes de superposição das diferentes lógicas de intervenção. Entretanto, a possibilidade de construir o novo, de juntar os jeitos de trabalhos, de composição.... é o grande desafio desse trabalho.

Existem várias iniciativas de trabalho em *redes* com os jovens. Rede do tipo que enfatiza a questão da comunicação entre os jovens, entre os movimentos. Por exemplo, existe a *Rede de Jovens*, uma iniciativa via *Internet* que tem como objetivo estimular os jovens a se comunicar, estreitar e construir informações, apresentar idéias, propostas... enfim, ser o instrumento de comunicação entre os jovens de todos os cantos do País.

Há iniciativas de redes de jovens que se mobilizam a partir de objetivos e ações em comum. Daí, a idéia de *rede* constitui-se em um espaço de interlocação e articulação de suas práticas. Estas redes além de dialogar e construir análises de suas práticas, elaboram ou buscam subsídios que colaboram em suas reflexões; criam instrumentos de comunicação entre os seus participantes a exemplo de boletins *on-line*, boletins impressos; realizam atividades de formação ou de mobilização que reúnem jovens; possibilitam espaços de trocas e intercâmbio de experiências, motivando-os a se reunirem cada vez mais.

Com a intenção de socializar um pouco a experiência, aqui vão algumas informações para que ilustrem essas dimensões e desafios do trabalho em *redes* com os jovens a partir de uma experiência concreta.

REDE DE JOVENS DO NORDESTE

Quem é?

A Rede de Jovens do Nordeste é uma articulação de jovens de diversos movimentos juvenis na região. A Rede tem por objetivos trocar experiências, partilhar reflexões e enfrentar coletivamente desafios propostos pela realidade.

Quem são os participantes?

Jovens de 16 a 27 anos, moradores em cidades e na área rural. Participantes de movimentos e organizações juvenis: movimento estudantil; setores de juventude de partidos políticos; movimentos de mulheres, de bairros, de grupos de paróquias, grupos de jovens de danças populares, de música; grupos ou movimentos de jovens homos-

sexuais; jovens participantes de movimentos sociais de luta pela moradia; movimento de meninos e meninas de rua e outros.

Como se organiza?

A Rede de Jovens do Nordeste se movimenta em três eixos de ação – articulação, formação e mobilização. Sobre esses eixos a *rede* planeja suas ações de forma descentralizada nos estados da região Nordeste, e conta com o apoio e acompanhamento da Equipe nos estados e de parceiros locais.

Por meio de seus núcleos no estado ou em regiões estaduais, realizam atividades como: seminários, encontros, oficinas temáticas, festivais, acampamentos, espaços lúdicos de lazer e descontração entre jovens e voltados para eles, articulam-se com diversos movimentos juvenis na região e no País, participam de encontros da Escola Latino-Americana de Lideranças Juvenis.

A forma organizacional da Rede está estruturada pelos núcleos estaduais e pelo Coletivo Regional (composto por representantes de cada estado), que se reúne quatro vezes ao ano entre espaços de avaliação, planejamento e encaminhamentos de suas ações.

Que propostas representam?

Com o propósito de afirmação em articular as diversas ações de movimentos juvenis, a Rede é um espaço plural e propositivo da identidade e da participação juvenil. Ao articular-se com outras entidades e movimentos parceiros, a idéia é não se isolar em sua ação ou experiência em si, mas inserir a construção do protagonismo juvenil, em relação à construção do protagonismo de outros atores sociais que lutam e constroem um projeto alternativo de sociedade.

Outra forte afirmação nessa Rede de Jovens é a dimensão da regionalidade. Jovens que se fazem intensamente presentes nas lutas, seja nas periferias urbanas com diversas expressões culturais, seja na zona rural e nas pequenas cidades identificando-os tanto quanto nordestinos e brasileiros.

Esta dimensão regional também propicia resgatar, a partir das peculiaridades da região Nordeste, o valor de sua cultura, perceber, integrar e relacionar suas estruturas políticas, econômicas e culturais com a economia nacional e internacional. É orgulhar-se das histórias de resistências de cada sertanejo, a agitação urbana, construir pontes do Arraial de Canudos à Tropicália; do Rio São Francisco aos morros de Recife; do cerrado ao litoral; dos assentamentos a Porto Seguro; de Sete Cidades às Terras Tabajaras.

Construir identidades com a capacidade de: identificar-se como classe social; incorporar o ser sujeito integral – identidade de gênero, etnia, raça; relacionar-se trabalhando a dimensão afetiva, de amizade, solidariedade, namoro; reivindicar direitos

A Rede de Jovens do Nordeste quer inovar, apostar em iniciativas de mobilizações que não somente juntem os jovens, mas, junto com eles, descobrir espaços de integração e de incentivo à participação política. Neste sentido, a Rede deu prioridade em 2001, aos Festivais de Juventude (já realizados em seis dos nove estados da região Nordeste – RN, PI, PB, SE, CE, PE); demonstrou a capacidade de mobilizar a juventude nas escolas, nos seus grupos e nos movimentos organizados; de criar espaços de estudos e reflexões nas oficinas e salas temáticas; e de realização dos espaços de *shows* com expressões de músicas e danças. Esta atividade mobilizou cerca de quatro mil jovens, deu maior visibilidade à Rede no Nordeste e motivou os núcleos a darem continuidade ao processo.

Dos aprendizados deste processo de realização dos festivais que a Rede de Jovens do Nordeste promoveu no período de setembro a novembro de 2001, faz-se necessário resgatar: o desafio de mobilizar os jovens que estão organizados em diversos movimentos ou que, a partir dos festivais, sentiram a necessidade de agrupar-se e de participar; a oportunidade de vários jovens da Rede e/ou de ajudas de educadores de movimentos assumirem a coordenação político-pedagógica das oficinas e salas temáticas; o prazer e satisfação em juntar no mesmo espaço e em clima de harmonia diversidades de movimentos: estudantil, *hip-hop*, pastorais, partidos políticos, grupos pastorais e de comunidade e, estabelecer, pela convivência, relações de amizade e de troca de experiências; o prazer em encontrar-se em perceber vários jovens se movimentando, fazendo acontecer o balançar da *rede*.

Com estas experiências, as provocações que inicialmente mencionei no texto, o desafio que é o trabalho em rede, que embora pareça muito envolvente, também tem o enfrentamento de inúmeras dificuldades e limites, talvez esse espaço seja um passo para abrirmos fóruns de debates, onde a interlocução seja também com os próprios jovens, para apresentar idéias, experiências, reflexões e análises, franquear o debate e fortalecer nossas lutas.

Joana Santos Pereira, educadora da Escola de Formação Quilombo dos Palmares.

A corajosa necessidade de ser jovem

Jorge Atílio S. Iullianeli

De repente o Autor pega da pena (teclado, tela) e levanta um tema (para denunciar os subterfúgios semânticos): o protagonismo juvenil reconceituado para a subserviência ao Mercado ou seja, a perpetuação de uma juventude servil; e o mesmo protagonismo relido como expressão de resistência aos malditos interesses do Mercado

O desafio de refletir sobre a juventude tem diversos aspectos. O primeiro deles é o problema da definição: ao falarmos sobre juventude, de quem falamos? A definição etária, como se sabe, é arbitrária – o critério das Nações Unidas utiliza a faixa entre 15-24 anos, por exemplo. Juventude é um espaço social, cultural, e histórico que é definido de modo diferente em cada sociedade.

Outro aspecto é que, existem as expectativas sociológicas – muitas vezes, as profecias previamente realizadas. Nos últimos trinta anos, as investigações das ciências sociais enfatizaram duas interpretações: numa a juventude é identificada como *contestadora*; noutra, ela é identificada como *delinqüente*.

Um terceiro, e talvez esse seja o aspecto mais interessante, é o caráter efêmero e dinâmico da juventude. Esse segmento social é atravessado transversalmente pelos antagonismos e pela diversidade de classe, gênero, etnia, religião. Intuitivamente, por conseguinte, somos levados a afirmar inicialmente que existem diversas juventudes. Essas juventudes têm diversos rostos. Podemos afirmar que sempre existiram diversas juventudes. Os discursos interpretativos fixaram-se ora numa face, ora noutra, sem nunca dar conta – talvez, por ser impossível – das diferentes faces e dinâmicas das juventudes.

Entre os anos de 1980 e 2001 surge uma nova temática. Em 1985, a Organização das Nações Unidas conclamou o Ano Internacional da Juventude. Em vários lugares do mundo, e em especial na América Latina, eclodiam ações juvenis. No caso latino-americano era eminente a presença da organização de meninas e meninos de rua. Essas ações levavam à criação, no Brasil, do Movimento Nacional de Meninas e Meninos de Rua. Nesses movimentos os educadores levantavam o tema do protagonismo juvenil. Seria, então, a discussão sobre protagonismo juvenil uma abordagem sociológica presa às categorias de delinqüência e contestação? Ou seria uma nova abordagem qualitativa?

PROTAGONISMOS: PONTOS DE VISTA

A pretensão deste artigo é aprofundar a problemática em torno do protagonismo juvenil. Nos interessa menos, neste momento, buscar as soluções. Nossa perspectiva é a seguinte: há um duplo movimento que leva à construção da categoria sociológica protagonismo juvenil. Por um lado, os organismos multilaterais associam o tema à questão do combate à pobreza. Fazem ver o protagonismo juvenil como uma estratégia para políticas públicas que se alinhem ao cardápio oferecido pelo Banco Mundial. Por outro lado, a partir das ações juvenis, na perspectiva dos educadores sociais, o protagonismo juvenil é uma nova possibilidade de intervenção que procura absorver aquela expectiva do caráter efêmero e dinâmico da juventude.

Portanto, trata-se de um campo de disputa política e semântica. O tema do protagonismo juvenil não é necessariamente um argumento favorável a uma ação autônoma e participativa da juventude. Tanto pode representar um argumento favorável a um modelo de intervenção governamental que aprofunde as estratégias do Estado mínimo, como pode aprofundar estratégias que se construam, especialmente sobre segmentos juvenis das classes populares, como um modelo de ação cultural. Ação cultural é também um modo de intervenção para a construção de políticas públicas. Porém, na perspectiva da construção de ações governamentais

PROTAGONISMO JUVENIL

A autoconfiança dos jovens permite que educadores e educadoras possam apóia-los nesse processo de autodeterminação. É possível que os jovens assumam que são atores históricos, numa sociedade dividida e violenta? A resposta apenas pode ser oferecida pelas pessoas jovens, coletiva e individualmente. O conceito de protagonismo juvenil envolve duas idéias fundamentais:

- Co-responsabilidade: os jovens são responsáveis pelo destino da sociedade em que vivem, juntamente com os outros segmentos da sociedade;
- Melhoria da qualidade de vida: os jovens têm o direito de agir para construir a própria felicidade e da comunidade em que estão.

que ampliem os impactos das ações dos movimentos sociais juvenis.

A diversidade das cenas juvenis

Considerar as ações juvenis, no período entre 1980 e 2001, implica em destacar os diferentes modelos de intervenção e os diferentes segmentos sociais envolvidos. Nos anos de 1960 a ênfase da investigação sociológica sobre as ações juvenis recaía sobre a *contestação*. Era um olhar voltado, sobretudo para os movimentos estudantis. Nos anos de 1980, a reboque da temática da delinqüência, esse olhar se voltou para os grupos infanto-juvenis vulneráveis. Sobretudo, para as meninas e meninos de rua. Praticamente, desde o início os educadores chamavam a atenção para o caráter de sobrevivência nas franjas do sistema que esses grupos possuíam.

Mais que delinqüir eles sobreviviam nas ruas. A maioria das crianças e jovens que vivem nas ruas é *trabalhadora*. Trata-se de uma situação de risco, pela qual deixam as famílias, ou tornam maior a distância delas, procurando outros mecanismos de sobrevivência. Isso levou os educadores a trazerem a público a discussão sobre os direitos dessa infância e adolescência. Inverteu-se, assim, a lógica. A perspectiva da delinqüência, das crianças e jovens perigosos, cedeu lugar à lógica do direito, das crianças e jovens que são de responsabilidade da sociedade. No Brasil, isso originou o debate que fez surgir o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Simultaneamente, iniciaram-se três discussões. Primeira, a temática da participação política da juventude na construção dos destinos do País. Isso levou à construção da eleitoralidade da juventude. Os jovens, a partir dos dezesseis anos, podem inscrever-se como eleitores. Isso implica na capacidade juvenil de participar de uma das formas de deliberação civil e democrática. Essa ampliação do Colégio Eleitoral colocou no ar a necessidade da formação política da juventude. Essa é uma juventude muito mais responsável – a reboque vários grupos sociais, na maioria politicamente de direita, trazem a discussão sobre a diminuição da idade para responsabilidade penal. Houve, também, o reforço da participação juvenil em campanhas pela Ética na Política. Daí, por exemplo, dentro do movimento estudantil, o grupo dos *Caras Pintadas*. A juventude, novamente, passou a aparecer com uma característica política, contestatória. O modelo de intervenção parecia estar nos limites das ações juvenis dos anos de 1960.

Em segundo lugar, não cronológica nem logicamente, a questão do acesso à educação e da eliminação do trabalho infantil. Especialmente, em vista da situação das crianças camponesas, se impôs à sociedade a discussão pela extinção do trabalho infantil que, no final dos anos de 1990, deu origem a um movimento internacional. Houve a Marcha Global pelo extermínio do trabalho infantil, que se associou à discussão sobre o papel da educação – do sistema público de ensino – para a infância e a adolescência. Apareceram diversos programas para a inserção das crianças e jovens nas escolas, e retirada delas do mundo do trabalho.

Em terceiro lugar, sendo essa uma característica transversal, que recorta as anteriores (situação de risco na rua, participação política e trabalho infanto-juvenil), e é um outro estilo organizativo, surge o elemento cultural. Esses grupamentos infanto-juvenis constroem uma linguagem marcada pela cultura, mais que pela política. O impacto das ações é mais a construção de estilos que de plataformas. Não estou indicando que com isso não emerjam ações que visem direitos. Estou indicando que as ações são organizadas com base em situações – espaços formadores de estilos comportamentais.

Do discurso dos organismos multilaterais

Organismos multilaterais são aqueles nos quais os governos dos diferentes países das Nações Unidas deliberam sobre as políticas internacionais de segurança, sociais, culturais e financeiras. Entre essas se encontram as instituições financeiras multilaterais, erguidas sob os códigos de *Bretton Woods*, sobre as quais lidera o Banco Mundial, operadas pelos governos que visam financiar o desenvolvimento de seus países-membros. Os anos da segunda metade da década de 1980 foram marcados pela inclusão da agenda social especialmente para as instituições financeiras multilaterais, como o Banco Mundial.

Essa inclusão contém entre seus componentes a juventude. Entre 1985

e 1995 as Nações Unidas implementaram um monitoramento da situação da juventude – compreendida pela faixa etária entre 15 e 24 anos. Um dado demográfico percebido é que o peso da população juvenil na população mundial tem caído. Entre 1995 e 2000 estima-se que caiu de 18,1% para 17,6%. Espera-se que em 2050 caia ainda mais, chegando a 13,2% da população mundial, o que corresponderá a 1,176 trilhão de jovens no mundo. Atualmente, 85% desses jovens vivem nos assim chamados países em desenvolvimento. Essa taxa deve crescer porque nos países chamados desenvolvidos aumenta a taxa de pessoas acima dessa faixa etária e diminui a outra.

A maioria das crianças e jovens que vive nas ruas é *trabalhadora*. Trata-se de uma situação de risco, pela qual deixam as famílias, ou tornam maior a distância delas, procurando outros mecanismos de sobrevivência

Tal situação leva as Nações Unidas a considerarem na sua agenda a necessidade de construir um programa de ações que favoreça a juventude. Em especial, um conjunto de ações que corrobore o *combate à pobreza*. Nos documentos da ONU lemos, por oposição, que a juventude não tem acesso à participação política (transparência, abertura e voz nas decisões) em seus países. A juventude não é agente ativo das mudanças e do desenvolvimento de suas sociedades. A juventude não encontra acesso ao mercado de trabalho, está desempregada, em larga escala.

Conforme a ONU, as oportunidades educacionais para os jovens ainda podem ser consideradas um grave problema. Ademais do analfabetismo, que encontra as taxas mais elevadas em países africanos, há os analfabetismos sociocultural e tecnológico – os quais nem sequer são registrados. Em relação ao primeiro, em 2001, as taxas estavam entre 18 e 23 para homens e 27 e 41 para mulheres, na faixa etária considerada. Tais taxas representam uma queda de 10 pontos percentuais em comparação às de 1990. O acesso aos graus de ensino médio e superior permanece dificultado pelos altos custos que representa. Acrescente-se a esse quadro o problema relacionado à interação educação/mercado. Os países em desenvolvimento têm uma grande deficiência quanto à participação dos jovens em sistemas de treinamento profissional.

Outro indicador alarmante, conforme a ONU, é o envolvimento dos jovens com o mercado de trabalho. Conforme os dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 2001, existiam setenta milhões de jovens desempregados. Este número tende a crescer nos próximos anos. A atual onda de liberalização dos mercados, aliada às necessidades de uma mão-de-obra extremamente especializada, devido às novas tecnologias, implica uma expectativa de muito mais desemprego para os jovens. A maior parte desses jovens ingressa no mercado informal: precarização laboral, longas jornadas de trabalho, condições perigosas e ausência de organização dos trabalhadores.

Esses indicadores das Nações Unidas tornaram ainda mais urgente uma ação positiva para a juventude. A partir de 1998 foram construídas várias ações, envolvendo jovens, vinculadas ao sistema da ONU. As duas mais importantes foram Lisboa (1998) e Dakar (2001). Ao mesmo tempo essas ações *contagiaram* o Banco Mundial que se envolveu nos financiamentos públicos destinados à educação, especialmente, o item formação de liderança juvenil. De fato, o Banco Mundial criou uma Fundação Internacional da Juventude (*International Youth Foundation*) e uma Rede da Ação Jovem (*Youth Action Net*).

A Assembléia Geral da ONU, em 1996, adotou o *Programa Mundial de Ação para a Juventude em vista do ano 2000 e para o futuro*. Em 1998 realizou-se a terceira sessão do Fórum Mundial da Juventude, em Lisboa, que decidiu apoiar as ações que visem o 'empoderamento' (*empowerment*) da juventude – as duas primeiras ocorreram em Viena, 1991 e 1996. Em 2001 realizou-se a quarta sessão do Fórum Mundial da Juventude do Sistema Nações Unidas. Essas ações, no âmbito Ibero-americano tiveram por conseqüência a criação da Organização Ibero-americana da Juventude, formalmente organizada em 1992.

O conceito de 'empoderamento' é estreitamente ligado ao de protagonismo. 'Empoderar', nesse sentido, é ser agente ativo de transformações e desenvolvimento, em vez de serem os jovens considerados objetos passivos de programas iniciados externamente. Por trás de todas essas ações há uma leitura que considera as gerações futuras – já presentes – responsáveis pelo presente e pelo futuro. Antes, o peso das decisões que implicam em circunstâncias de restrição para os jovens era exclusivo dos adultos. Os sistemas multilaterais confirmavam a 'androgerontocracia' do Ocidente. Essa perspectiva do 'empoderamento' e do protagonismo modifica isso.

Para o Banco Mundial o 'empoderamento' é um expediente no *combate*

à pobreza. Combater a pobreza é criar políticas que impeçam as pessoas com menos de um dólar/dia de enfrentarem todas as dificuldades decorrentes de tal situação. Especialmente, as dificuldades de saúde, como as doenças decorrentes da fome. Para o Banco Mundial permanece valendo a teoria de Malthus: a pobreza é fruto da capacidade procriativa dos pobres. Pobre tem filho demais.

Combater a pobreza, para o Banco Mundial, entretanto, é uma questão ética e não técnica. O senhor Ismail Serageldin indica que essa é uma questão semelhante à dos abolicionistas do século XIX. Do ponto de vista do Mercado não há nenhum motivo para deixar de realizar o que se faz, assim como não havia razões para deixar o sistema escravista de produção no século XIX. Então, para Serageldin, o combate à pobreza é o novo *abolicionismo*. Trata-se de reconhecer uma responsabilidade social no mundo do Mercado. E essa responsabilidade é compartilhada pelo Banco Mundial e outras agências intergovernamentais.

As ações juvenis são consideradas como sendo de protagonismo social da juventude na medida em que corroboram o combate à pobreza. Esse combate é dado, sobretudo, a partir dos investimentos na área de educação. A educação seria a chave para reverter os processos que desencadeiam o ciclo vicioso da pobreza mundial. Uma vez mais, trata-se da responsabilidade dos empobrecidos em encaminhar as soluções. Os problemas seriam quase que responsabilidade exclusiva dos empobrecidos. Aquele *acréscimo* destacado por Serageldin, por exemplo, não é de pouca monta. Ele revela uma observação contundente sobre os mecanismos que conduzem um enorme contingente no mundo ao empobrecimento.

As considerações que os organismos multilaterais têm sobre as ações juvenis repercutiram em projetos de financiamento, sobretudo para a área de educação. Assim, no âmbito da cooperação internacional intergovernamental os empréstimos para a área de educação estiveram (e estão) vinculados a essa estratégia de combate à pobreza. Na América Latina todos os países implementaram alguma ação em decorrência do *Programa Mundial de Ação para a Juventude em vista do ano 2000 e para o futuro*, da ONU. O Brasil designou alguma coordenação para ações juvenis, a Assessoria para Assuntos da Juventude.

Há um impacto também entre as agências de cooperação internacionais européias e norte-americanas que financiam organizações não-governamentais, entidades ecumênicas de serviço e movimentos sociais. Várias delas, principalmente na segunda metade dos anos de 1990, passaram a adotar políticas de financiamento que privilegiavam projetos e programas dirigidos para os jovens ou conduzidos pelos jovens. Sem dúvida isso redundou em alterações nas relações das parceiras com os públicos com quem elas lidavam. Enfim, a juventude e as ações juvenis, consideradas agora como *protagonismo juvenil*, passaram a orientar as reflexões e, especialmente, a direção dos recursos de organismos multilaterais, de governos e da cooperação internacional.

Sobretudo em relação aos impactos sobre as políticas públicas governamentais vale a pena fazer menção a algumas questões. O abismo entre os sujeitos de direito e os direitos fundamentais em sociedades como as dos países latino-americanos é enorme. O

PROTAGONISMO POLÍTICO-SOCIAL DOS JOVENS

ANOS 60 E 70	ANOS 80 E 90
1. O jovem como agente de transformação do mundo.	1. O jovem como pessoa inserida numa rede de relações, interagindo com seu contexto.
2. A história como horizonte de ação.	2. O cotidiano como terreno de atuação.
3. A orientação para a totalidade.	3. A preocupação com determinadas dimensões ou aspectos da realidade social.
4. Utopias de desfecho.	4. Utopias de processo.
5. No limite, ruptura com o cotidiano.	5. Ação limitada à esfera da cotidianidade.
6. Representação de si mesmo como militante (engajamento).	6. Representação de si como pessoa comprometida com uma causa (sintonia).
7. Critério de adesão: aceitação explícita de pressupostos e de códigos definidos de conduta.	7. Critério de adesão: a ação convergente com os que atuam na mesma direção.
8. Organização em estruturas hierárquicas, verticalizadas.	8. Organização em rede, estruturas horizontalizadas.
9. Unidade de pensamento e ação.	9. Pluralismo de pensamento e ação.
10. Condutas individuais controladas pelo coletivo.	10. Respeito à identidade, autonomia e dinamismo próprio de cada pessoa.

Fonte: *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Antônio Gomes da Costa, Fundação Odebrecht.

acesso aos direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais é amplamente negado à maioria da população, e à juventude em particular. Isso torna urgentes políticas públicas que visem, ao menos, minorar essa situação. Neste sentido, no Brasil as ações governamentais, que procuram atender à juventude se dirigem, sobretudo, a educação e segurança.

Tensões semântico-políticas

No Brasil, há alguns anos, estão sendo fomentadas ações juvenis declaradas, em geral por educadores, como ações de protagonismo juvenil. Em certa medida, poderíamos afirmar que educadores de Pernambuco – como Joana Santos, da Escola de Formação Quilombo de Palmares, de São Paulo – como Marilia Sposito e Helena Abramo, da Ação Educativa, e do Rio de Janeiro – como Lorenzo Zanetti, da Federação de Órgãos de Assistência Social e Educacional (Fase), iniciaram essa ressemantização. Experiências como a construção da Rede de Jovens do Nordeste, o Centro de Jovens, em São Paulo, ligado à Ação Educativa, e o acompanhamento de grupos juvenis, em especial o *Afro Reggae*, pela Fase, permitiram isso.

Essas experiências têm em comum ser um processo incentivado pelos próprios jovens. A juventude, de diferentes setores da sociedade, com diferentes histórias de vida, também tem em comum ser de zonas periféricas. Outra característica comum é o privilégio das ações culturais. Esse é um conceito que não nasce naquelas experiências. Esse é um conceito que surge na militância política dos anos de 1960. Ele foi ressemantizado na experiência de trabalho do Centro Ecumênico de Documentação e Informação e em KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço nos anos de 1990. Ação cultural é uma perspectiva de ação político-pedagógica que brota das estruturas da cultura local (ou ainda, poderíamos dizer, do *ethos* do grupo local).

Trata-se de uma intervenção social a partir do modo de ser dos grupos e comunidades. É um processo de criação do cotidiano com uma perspectiva. Essa perspectiva é de construir maior participação e cooperação social em vista da superação das desigualdades socioeconômicas. Por conseguinte, é na construção e transformação de mentalidades que se dá a ação cultural. Assim sendo, a ação cultural é um processo aberto, não pode estar definida antecipadamente a maneira pelas quais os grupos e comunidades escolherão suas próprias ações. Isso implica outro ingrediente da ação cultural. Ela afirma e confirma a autonomia dos agentes, e constrói um ambiente favorável a uma atitude crítica e reflexiva.

Esta sintética descrição da ação cultural permite olhar assim para o protagonismo juvenil. Ele é uma espécie de ação cultural. Uma intervenção social da juventude. A partir de quais interesses? Dos interesses dos próprios jovens. O risco aqui é imaginar um modelo de ação no qual a juventude é responsável exclusivo pelos processos que desencadeia. É como se quisesse depositar nos braços das gerações futuras a responsabilidade exclusiva pelo seu destino. O conceito de 'empoderamento' dos organismos multilaterais parece indicar essa orientação. 'Empoderar' seria fazer com que aqueles grupos sociais, a partir do poder adquirido, seja os senhores do próprio destino – não há intervenientes, nem corresponsáveis.

Há mais de doze anos circula entre educadores na América Latina a discussão sobre protagonismo juvenil. Há, até mesmo, na rede eletrônica, sítios dedicados ao tema. Ações dispersas, aqui e acolá, apoiadas por educadores e idealizadas *com* e realizadas *por* jovens vêm se dando em toda a parte. Especialmente no Brasil. Todavia, a análise leva a considerar que o diapasão dessas experiências não é exatamente o mesmo que o dos organismos multilaterais. O *combate à pobreza* é um tema que permite alguma unidade com os organismos multilaterais. Porém, essa unidade termina nas intenções. As práticas desenvolvidas pelos jovens são de afirmação de direitos e participação política, por um lado, e de criação e ação cultural por outro.

Se o discurso do 'empoderamento' pode ser uma cortina de fumaça para dar continuidade às políticas de endividamento externo em curso, por outro lado, pode ser o critério discursivo para avaliar o quanto uma ação juvenil é promotora de protagonismo ou não. Trata-se da necessidade de dar um novo sentido ao conceito, ressemantizar a expressão. Se, para os organismos multilaterais, significa participação, direitos e responsabilidades, capacidade de construir a integração social; para nós significa participação solidária, direitos e responsabilidades conquistadas por meio dos mecanismos legítimos de pressão social e construção da integração social pela formação de uma opinião pública esclarecida. Ou seja, trata-se de qualificar a partir dos próprios sujeitos, e não a partir dos interesses do Mercado ou da Dívida Externa – que são, ao fim e ao cabo, os mesmos interesses, o sacrificialismo.

Jorge Atílio S. Iulianelli, educador, doutorando em Filosofia e integrante da equipe de KOINONIA.

Juventude no campo – ousadias

Quitéria Maria Ferreira da Silva

Fala-se de uma juventude que é vítima dos impactos, comuns ao mundo urbano também, mas sem quaisquer possibilidades provenientes de políticas públicas; e de uma juventude à qual não se oferecem muitas oportunidades.
Mas discutem-se ainda as experiências com os movimentos sindical, popular e mesmo paroquial que espicaçam os jovens a se fazerem protagonistas de transformação social: avanços, desafios, tensões que "revolucionam modos de pensar, sentir e agir"

O advento do milênio trouxe à humanidade grandes desafios, entre eles o de enfrentar as conseqüências decorrentes dos processos de transformações econômicas e políticas. São transformações que agravam o quadro de exclusão social em diversos segmentos da classe trabalhadora, incluindo a juventude.

A falta de perspectiva nas atividades agrícolas, combinada ao quadro de desemprego estrutural nas atividades urbanas e rurais, reduz cada vez mais as oportunidades de trabalho para grande parcela da juventude rural. Acrescenta-se a isto a ausência de políticas públicas para a população rural, que provoca o desestímulo dos jovens e a perda da identidade deles com o campo, pois muitos não conseguem perceber a agricultura como alternativa econômica viável.

A política oficial de educação tem sido altamente limitada na formação cultural dos jovens rurais e mais ainda na formação profissional. Muitos jovens, ao ter acesso à educação acabam optando por outras categorias profissionais e abandonam o campo, uma vez que o ensino não contribui para que fortaleçam o sentimento de pertença ao meio rural.

Não somente isto. As transformações da passagem do milênio produziram também mudanças de caráter cultural, nas mentalidades e comportamentos das pessoas, quando valores, utopias e significados estão sendo modificados e recriados.

A juventude rural não ficou imune às transformações em curso. Ao contrário, estão cada vez mais em mutação as formas de ver, pensar e agir dos jovens que, pela própria característica 'geracional', acompanham a história do seu tempo.

Portanto, estamos falando de uma juventude rural que, objetivamente, sofreu os impactos das transformações econômicas no campo e, subjetivamente, vem sofrendo influências constantes da mídia, da poluição sonora, das políticas governamentais, dos sistemas culturais. Modificam-se, portanto, as formas da juventude se perceber como rural, como classe trabalhadora e de conformar sua identidade.

Se de um lado as transformações vêm produzindo impactos fortes e excludentes na população jovem, de outro, as mudanças ocorridas na realidade do meio rural também têm levado a própria juventude a repensar as formas de organização e tem havido várias iniciativas na busca de resgatar a identidade rural da juventude e de pensar estruturas político-organizativas que respondam às demandas e interesses do jovem rural. São iniciativas de organização e mobilização que estão levando a juventude a construir a história de luta do seu tempo, tendo como referência experiências de outras décadas, porém, sendo inovadora nas formas de lutar, agir, pensar, criar, organizar e se perceber num contexto de mudanças e desafios.

A ausência de políticas públicas para a população rural, provoca o desestímulo dos jovens e a perca da identidade deles com o campo, pois muitos não conseguem perceber a agricultura como alternativa econômica viável

EVENTOS/ACONTECIMENTOS DE JOVENS

Entre as experiências inovadoras de trabalho organizativo da juventude, vale ressaltar as atividades de caráter massivo e global que foram desenvolvidas, entre 1998 e 2001, pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, pela Pastoral de Juventude Rural, pela Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura (Contag) e pelo movimento sindical nas regiões Sul e Nordeste. Tais iniciativas produziram significados novos, pensando a juventude em seu tempo, jeito e sintonia de fazer movimento e recriar sentidos para estruturas organizacionais já construídas.

Entre os eventos de massa, situados como experiências novas, vale lembrar:

- *O 1º Congresso da Juventude Trabalhadora Rural*, organizado em 1998, pela Comissão Estadual de Jovens Trabalhadores Rurais da Federação Estadual de Trabalhadores na Agricultura (Fetag/RS), com cerca de 450 jovens. Entre as questões debatidas no Congresso destacaram-se: a necessidade da juventude inserir-se no processo de construção de um Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural, baseado na agricultura familiar, que valorize e integre os filhos e filhas dos agricultores; formular uma política de Educação Rural, pública e de qualidade, que considere as especificidades da juventude; organizar os jovens, no âmbito sindical e associativo, reforçando os princípios da cooperação e solidariedade. A partir do Congresso, a Comissão Estadual de Jovens descentralizou suas ações no estado, levando estas propostas para debates nos municípios e reforçando a perspectiva de construção de um Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural. Além disto, a Comissão tem realizado diversas atividades formativas, incluindo as capacitações sobre associativismo, que visam contribuir para criar relações solidárias e mais humanas entre os jovens trabalhadores.
- O *2º Encontro Nacional da Juventude Rural*, organizado pela Contag em 2000, e que formulou proposta de ação sindical da juventude, no campo da educação rural, da reforma agrária, da agricultura familiar, da geração de emprego e renda, da saúde e previdência social, de cultura e lazer. O Encontro apontou, ainda, proposta de política de formação e organização sindical para jovens rurais. Todas estas propostas foram levadas ao Congresso da Contag para serem debatidas e aprovadas pelo conjunto do movimento sindical. Uma proposta nova para a Contag que, desde 1999, vem buscando desenvolver um trabalho mais sistemático com a juventude, incluindo a realização de um Programa de Capacitação e Qualificação Profissional de Jovens Rurais.
- O *1º Congresso Nacional da Juventude Rural*, organizado pela Pastoral da Juventude Rural, ocorrido em 2000. O Congresso, que contou com uma média de 600 jovens, teve como objetivos: gritar e mostrar que a juventude não é pacata; desafiar a Igreja a reassumir sua opção preferencial pelos pobres e jovens; colocar roça em discussão; ser projeto e mostrar que os jovens querem um novo projeto de reforma agrária, de políticas públicas e de democracia; festejar e celebrar a cultura.
- As *Gincanas Culturais* organizadas pelo Departamento de Jovens Rurais do Pólo Sindical do Submédio São Francisco. A primeira gincana, realizada em 2000, teve como objetivo trabalhar a questão da identidade da juventude rural e contou com a presença de 410 jovens que, por meio de danças, poesias, redações e encenações, resgataram a história de luta dos trabalhadores rurais da região e afirmaram propostas de política sindical de geração e de políticas públicas.
- E a *2ª gincana do Departamento Rural do Submédio São Francisco*, ocorrida em 2001, teve como tema a "Luta pela Paz" e atingiu diretamente 250 jovens e, indiretamente, uma média de três mil jovens. A Gincana realizou-se em várias etapas, durante três meses: debates nas comunidades rurais, debates nas escolas com jovens, abaixo-assinados, troca de armas de brinquedos por outros brinquedos, atividades culturais e brincadeiras no dia final. Esta gincana teve como objetivo principal reforçar a luta em defesa da cultura da paz, numa região marcada pela violência e pelo narcotráfico.

KOINONIA

2ª Gincana do Departamento Rural do Submédio São Francisco, 2001, com o tema a "Luta pela Paz"

AVANÇOS

As diversas experiências e lutas desses atores sociais jovens já têm provocado microtransformações nas relações sociais, nos comportamentos, nas opiniões, significando um novo poder em construção, sobretudo no Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais onde, geralmente, os sindicatos não têm política nem espaço específico para jovens. A superação desse desafio impõe ao movimento sindical a necessidade de incorporar temas e propostas de maior afinidade com a juventude, tendo como referência as experiências diversas espalhadas neste país, a exemplo das que estamos tratando.

Na história de tanta diversidade e riqueza das experiências de trabalho com juventude rural, cada uma trazendo um jeito de fazer e uma contribuição específica, alguns desafios ficam patentes.

O desafio de a juventude rural enfrentar o desemprego, uma vez que, na atualidade, o drama do desemprego atinge a todo o conjunto da sociedade, quer seja no campo quer na cidade. No entanto, a história do desenvolvimento rural no Brasil levou a uma grande diferenciação da população rural, não sendo possível considerar da mesma forma jovens com diferentes níveis de renda, de escolaridade, com diferentes formas de inserção nos processos produtivos e no mercado de trabalho, com diferentes origens étnicas. Portanto, é fundamental as organizações juvenis lutarem pelo acesso dos jovens ao mercado de trabalho, desde que enfrentando as práticas de discriminação e exclusão a que determinados setores da juventude estão submetidos por conta das especificidades relacionadas com gênero, raça, etnia e classe social.

É importante também levar em consideração no debate sobre geração de emprego e renda visto que, desde o início da luta pela terra, passando pelo difícil processo de organização social e política até a dificuldade em se relacionar com o mercado, um longo processo de aprendizado vem sendo feito pelos trabalhadores. Os filhos e filhas dos agricultores que estão participando das organizações juvenis, acompanhando seus pais na formação de associações, partilhando dos espaços de busca de novas modalidades produtivas, estão vivendo uma nova aprendizagem. Neste sentido, é fundamental também promover e incentivar o desenvolvimento de atividades não-agrícolas nos assentamentos e nas unidades produtivas em regime de economia familiar, como forma de manter os jovens no campo.

A educação rural foi outra temática que as experiências de trabalho com a juventude rural, sobretudo nos congressos e encontros, apontaram como questão a ser enfrentada. Historicamente, a educação rural tem levado muito pouco em consideração as especificidades do meio rural, no que se refere aos conteúdos, ao calendário escolar, à linguagem, entre outros fatores. Neste sentido, as organizações colocam como desafio a elaboração de um projeto de educação para o campo, que leve em conta as diferenças

Estamos falando de uma juventude rural que sofreu os impactos das transformações econômicas no campo e vem sofrendo influências constantes da mídia, da poluição sonora, das políticas governamentais, dos sistemas culturais

regionais nos aspectos sociais, culturais, econômicos, ambientais, de gênero, de geração, e de etnia.

DESAFIOS E TENSÕES

Todavia, os desafios relacionados com geração de emprego e renda, de educação rural dependem da capacidade de mobilização e luta das organizações dos trabalhadores, a fim de pressionar os governos a promoverem políticas públicas voltadas para a juventude. A questão é: com a enorme redução do emprego, do poder aquisitivo, aumento da pobreza e violência, ausência de uma política de crédito que viabilize a agricultura familiar, como esperar que os governantes neoliberais assumam o papel de resgatar essa dívida social com os trabalhadores jovens?

Do ponto de vista organizativo da juventude rural e dos significados que as experiências vêm apresentando, vale lembrar algumas tensões que estas experiências têm revelado. Uma questão diz respeito às experiências orgânicas do Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais, que têm se apresentado como expressões novas de aglutinação e mobilização de jovens rurais, porém têm que conviver com uma estrutura sindical limitada. Além de a estrutura sindical ser limitada para incorporar a juventude, a própria leitura que os dirigentes sindicais têm dos jovens é baseada em outros momentos históricos. Muitos sindicatos não conseguem perceber a juventude rural com os dilemas e perspectivas de sua época, quando a própria identidade está sendo modificada. São tensões que as experiências apresentaram e que estão sendo fruto de debates entre jovens e dirigentes no interior do sindicalismo rural, apontando para o repensar do modelo de organização dos jovens neste novo milênio.

Outra questão que me parece pouco debatida, diz respeito à forma de ser protagonista da juventude, numa realidade em que projetos de sociedade estão em disputa. Este caráter impulsionador, mobilizador, rebelde, próprio de uma geração, nem sempre aponta como referência um projeto político inovador. O lugar que os jovens ocupam na sociedade é determinante na conformação da identidade e na forma de se fazer protagonista, pois o protagonismo juvenil pode não ter o caráter transformador, se tais aspectos não forem considerados. Acredito que o ano 2002 é propício para um debate deste porte, quando as organizações de jovens devem incentivar, motivar suas bases a refletirem sobre o vínculo da discussão das problemáticas dos jovens rurais com um projeto político inovador.

Para não concluir idéias, mas deixá-las como mote de reflexão, acho que um grande desafio que se apresenta às organizações de jovens rurais está situado no campo cultural, da necessidade de recriar valores e significados, mas afirmando o caráter classista dessas organizações. No bojo das grandes transformações da realidade, os trabalhadores — seja homens, seja mulheres, jovens ou adultos — tendem a se sentir impotentes ante a magnitude dos problemas e voltam-se para os projetos de interesses pessoais, favorecendo a preocupação com o indivíduo e a subjetividade. Os interesses específicos se sobressaem em detrimento dos projetos coletivos. Por sua vez, os jovens parecem não estar preocupados com o futuro da humanidade. Estão mais preocupados em como arranjar seu primeiro emprego, como se organizarem para festas carnavalescas, como garantir a sua educação e seu plano de saúde. Tudo isto é fundamental, mas acredito que temos um horizonte maior a perseguir – que é a construção de uma sociedade nova, movida pelos valores da solidariedade e não do capital.

Neste sentido, as experiências de trabalho com a juventude rural, no movimento sindical, na igreja, no movimento popular, desafiam a juventude a ser protagonista de um projeto de transformação social, ousar fazer história em tempos de mudanças, construindo e se fazendo nova, revolucionando os modos de pensar, sentir e agir de sua geração.

Quitéria Maria Ferreira da Silva, assistente social, assessora parlamentar do PT na Assembléia Legislativa de Alagoas e colaboradora de KOINONIA.

Jovens, evangélicos e eleições

Alexandre Brasil Fonseca

São apontamentos para se pensar religião e política em 2002. Pinceladas de um *expert* montam um quase caleidoscópio de bandidos e 'patricinhas'; de cantores, de padres, de pastores; de um candidato a presidente que lê a Bíblia e prega; e contrapõe um " jovem bonito e carismático" não-politizado a outro jovem "politizado e articulado"

O ano de 2002 promete muitas emoções, eleições gerais num quadro ainda obscuro em relação à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso. Dentro deste contexto, interessa-nos o lançamento da candidatura do governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho (PSB). Três características foram ressaltadas em torno do nome de Garotinho: eficiência administrativa – depois da primeira colocação no *ranking* dos governadores do Datafolha (julho de 2001) –, filiação religiosa, e sua juventude expressa tanto em anos como no apelido que incorporou ao nome. Neste século que se inicia, ser evangélico no Brasil tem sido uma característica recorrente de diferentes personalidades, opção religiosa que cresce entre os jovens e que nas eleições gerais deste ano promete desempenhar um importante papel.

MAIS DO QUE PRINCESAS E BANDIDOS

Quem não lembra toda a epopéia em torno da família Abravanel? O caso teve variados elementos: aventura, comédia, drama, perseguição, violência, tiros... Tudo para prender a atenção de todos, ainda mais pelo fato dos protagonistas serem de carne e osso e próximos – afinal, quem não é um pouco "colega de trabalho" de Sílvio Santos.

O discurso de Patrícia Abravanel – descontando os efeitos emocionais de uma jovem que, liberta, volta para casa após uma semana, confinada –, cheia de referências a Deus, estrutura-se como 'normal' para a maioria dos jovens evangélicos provenientes de classes médias ou altas. A fala dela não foi distante das que aparecem na TV Gospel de São Paulo, canal a que ela assistiu durante o período em que ficou no cativeiro.

Patrícia é uma jovem e rica mulher fruto de uma sociedade midiática. Ela também é filha de um comunicador, sendo que há pouco tempo descobriu-se participante de uma missão divina: "ganhar o mundo para Deus". Como poderia fazer isso? A melhor oportunidade para pregar não seria exatamente uma entrevista coletiva transmitida nacionalmente por todas as emissoras? Dizer aos quatro ventos acerca das crenças que possui, as quais, certamente, a ajudaram a enfrentar a dura realidade da violência. Patrícia se converteu e, como qualquer fiel de uma igreja evangélica, viu naquela entrevista um momento único e especial para pregar.

A composição religiosa brasileira já não é mais a mesma. Vivemos uma maior pluralização religiosa em nosso país e é hora de deixar de pensar que é uma simples coincidência termos numa história dessa envergadura a maioria dos protagonistas sendo fiéis ou ex-fiéis de igrejas evangélicas. Desde a rica mocinha até os bandidos, passando também por um dos policiais envolvidos no tiroteio, segundo informação não confirmada que recebi de um jornalista.

Quais os efeitos dessa presença na

política brasileira? Como se comportará essa parcela da população – que inclui e vai além de Patrícias e Fernandos – diante de uma candidatura que busca por intermédio da identificação de pertença a esse grupo solidificar sua campanha à presidência?

César Lapa

POSSIBILIDADES NA CANDIDATURA DE GAROTINHO

Pelo que o governador do Rio de Janeiro tem afirmado em todos os jornais e em suas variadas pregações, poderíamos dizer que Anthony Garotinho não resistiu ao Evangelho. Por outro lado, pergunto-me: Resistirão os evangélicos a Garotinho?

O envolvimento da religião com a política não vem de hoje em nosso país. No passado os católicos promoveram com êxito a Liga Eleitoral com o objetivo de garantir a defesa de determinados pontos na Constituição de 1934. Há anos um deputado estadual foi eleito no Rio de Janeiro graças ao carisma de seus pais, líderes umbandistas.

Se religião e política não se discutem, certamente em nossa história podemos ter centenas de exemplos de mistura. Além de seu caráter público o Estado também deve guardar seu aspecto laico, sendo esta postura central para a consolidação democrática. Hoje presenciamos as instituições religiosas de ensino e as próprias igrejas criando enormes impérios que, como a recente multa aplicada à Universal pela Receita Federal, indicam não haver sentido na manutenção de isenção de determinados impostos em prol de organizações confessionais. Certamente este é um tema que amedronta religiosos católicos e evangélicos – hoje contam com influente *lobby* em Brasília –, mas que merecia tratamento mais sério e responsável por parte desses setores.

No meio disso tudo, o governador Anthony Garotinho constrói sua campanha à presidência graças ao apoio dos evangélicos. Há algo de 'errado' nisso? Sem desejar avaliar as decisões e estratégias adotadas pelo candidato, considero que ainda não podemos dizer que Garotinho está totalmente em campanha. O que vemos é uma ação deliberada em direção a um *target*, o qual parece estar apoiando o governador

Pelo que o governador do Rio de Janeiro tem afirmado em todos os jornais e em suas variadas pregações, poderíamos dizer que Anthony Garotinho não resistiu ao Evangelho. Por outro lado, pergunto-me: Resistirão os evangélicos a Garotinho?

em seu projeto pelo simples fato de ele ser um 'irmão na fé'.

Ao comentar se havia um aproveitamento eleitoral do ex-presidente Tancredo Neves em sua relação com várias irmandades católicas de Minas, o padre e historiador José Oscar Beozzo afirma: "Eu não vou dizer assim. Tancredo era um homem profundamente religioso. Agora, era um político. Por isso que eu disse que ele entrou em todas as irmandades". Creio que a mesma frase aplica-se à relação que Garotinho estabelece com as igrejas evangélicas.

De fato, nos eventos religiosos de que Garotinho participa, ele não fala sobre política, não apresenta suas propostas para combater a desigualdade ou enfrentar a crise energética e garantir crescimento para o País. Sua fala dirige-se para o amor como dom supremo ou em relação à necessidade de se mudar o homem para haver mudança no mundo. Esse discurso *apolítico stricto sensu*, mas que sai de um governador candidato a presidente, torna-se – entre os evangélicos – uma poderosa ferramenta política que vai atraindo não somente pentecostais, mas também neopentecostais, renovados e tradicionais.

Ter a possibilidade de ver um evangélico que – além de abrir a Bíblia, pregar e orar com os irmãos regularmente em diferentes espaços – é professor da Escola Dominical de sua igreja local e constantemente dá testemunho de sua conversão ou de como evangelizou o *comunista* Fidel Castro, a par de afirmar, por exemplo, a importância da oração na assinatura de um acordo com o governo federal, é algo significativo para a massa evangélica. Tanto para os mais pobres como para as classes médias.

O voto é definido de várias maneiras, não somente – e raramente – pelo programa de governo apresentado, mas também pelo desejo das pessoas em se posicionarem na sociedade. Para muitos estar com Garotinho é "apoiar um irmão de fé, que, também perseguido, estará colocando sob a supervisão de Deus seus atos de governo". Exatamente o mesmo que os fiéis afirmam fazer em seu cotidiano.

Porém é clara a estratégia de Garotinho de catapultar sua candidatura nesse meio mais fácil, que se reúne semanalmente, lê um número limitado de jornais e revistas e ouve as mesmas rádios. Atingir os evangélicos no Brasil é uma atividade facilitada pelo fato de ser este um grupo orgânico, concentrado. Assim, o prosseguimento natural da campanha de Garotinho será vender uma imagem no horário eleitoral descolada do fato de ser evangélico e voltada para sua administração no Rio de Janeiro.

Aí ele entrará efetivamente na campanha, dirigindo-se para o conjunto da população, formadores de opinião e empresários, tendo a vantagem de contar com um razoável percentual de intenção de votos nas pesquisas ao lado de um baixo índice de rejeição e, para sua felicidade, o mais alto índice de desconhecimento entre os candidatos.

A ação de Garotinho ressuscitou políticos evangélicos que estavam no ostracismo, caso exemplar do ex-deputado federal Carlos Apolinário que, como vereador em São Paulo, tem conseguido espaços de destaque na mídia e já se lançou candidato a governador por um partido nanico. Sua presença levou para o seio das igrejas evangélicas a discussão eleitoral e também ativou ainda mais as lideranças denominacionais na direção do patrocínio de candidaturas oficiais, caso da Renascer e da Assembléia de Deus. Para completar a complexidade do quadro, sua evidência não conta no momento com o apoio da Igreja Universal, denominação evangélica mais organizada na política e que no final de 2001 encontrava-se em avançado diálogo com o PT. Quais características podemos vislumbrar dessa presença evangélica na democracia brasileira?

JOVENS CATÓLICOS APOLÍTICOS *VERSUS* JOVENS PENTECOSTAIS POLITIZADOS?

O quadro que temos ao analisar o campo religioso brasileiro nos anos pós-abertura política (1986) apresenta a Igreja Católica, por intermédio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), ocupando espaço de contestação. O real é relacional e diante das definições das forças estabelecidas na sociedade da década de 1980 o espaço reservado às instituições evangélicas à

Para muitos estar com Garotinho é "apoiar um irmão de fé, que, também perseguido, estará colocando sob a supervisão de Deus seus atos de governo". Exatamente o mesmo que os fiéis afirmam fazer em seu cotidiano

esquerda era pouco freqüente. Estudos de caso têm apontado para o fato de que em circunstâncias quando, no campo religioso, a Igreja Católica não assumiu discurso contestatório, tal discurso foi adotado por grupos evangélicos.

Parece-nos provável uma movimentação dos evangélicos em direção a maior participação crítica no campo da política, exatamente pelo vazio no campo religioso deste espaço – visto que tanto as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) quanto os grupos evangélicos ligados ao ecumenismo, tradicionalmente relacionados a essa postura, estão perdendo importantes espaços institucionais.

É ilustrativo o caso dos religiosos cantores. Durante o ano de 1999 a presença do padre Marcelo Rossi e a do bispo Marcelo Crivella na mídia foi constante. Ambos assinaram contratos com importantes gravadoras (Universal e *Sony*) e travaram uma disputa músico-religiosa na mídia. Rossi é afinado com a Renovação Carismática Católica e religiosos ligados à Teologia da Libertação chegaram a afirmar que preferiam "um ateu alegre a ele". O título de uma matéria na *Veja* foi: "Jovem, bonito e carismático".

Rossi representou um estrondoso sucesso com músicas que ficaram conhecidas como "aeróbica de Jesus", sendo que algumas eram de autores evangélicos. O conteúdo de suas letras é de gosto duvidoso e sua principal característica são as coreografias executadas com o público – foi professor de educação física. Em seu primeiro sucesso ele cantava repetidamente: "Erguei as mãos e dai glória a Deus (repete)./ Erguei as mãos e cantai como os filhos do Senhor./ Os animaizinhos subiram de dois em dois (repete)./ O elefante e os passarinhos como os filhos do Senhor./ Erguei as mãos e dai glória a Deus (repete)."

Do outro lado desta disputa temos o bispo Marcelo Crivella da Igreja Universal que não promove as mesmas emoções que seu concorrente, sendo que a motivação para a gravação de seu CD foi o levantamento de recursos para a instalação de um projeto social da denominação. Na letra de sua principal música Crivella dizia: "Meu Deus o que se passa aqui no meu País?/ Há tanta gente sofrendo. /Na cidade, no campo nosso povo passando fome e desemprego/ (...) Senhor, é tanta crise e não há para onde fugir./ Quem governa sem fé pouco pode fazer." Uma entrevista dele para a Revista Eclésia fazia contraponto com o título dado a Rossi: "Jovem, politizado e articulado".

Em 2001 Rossi grava novo CD com as músicas de Roberto Carlos e passa a dirigir uma missa veiculada na Globo aos domingos. Já Crivella foi lançado por sua igreja e pelo PL como candidato ao senado federal pelo Rio de Janeiro, tendo sua imagem difundida pela mídia como responsável pelo projeto na Bahia e com a sua imagem veiculada regularmente na televisão na "Oração das 18horas" na Record.

Seria inimaginável há dez anos ver na televisão um sacerdote católico imitando elefantes e passarinhos, enquanto ao mesmo tempo um líder pentecostal de uma Igreja geralmente vista de forma suspeitosa estaria se dedicando a divulgar um projeto de desenvolvimento social baseado no voluntariado, em que em sua canção cobra ação por parte das autoridades contra a miséria, a pobreza e o desemprego. Independente das motivações, abrem-se novas perspectivas da ação política dos evangélicos diante da postura conservadora da Igreja Católica.

Da mesma forma que os evangélicos foram apontados como opção de refúgio para a violência urbana pelo jornalista Zuenir Ventura ou como espaço de reabilitação para encarcerados pelo médico Drauzio Varella, parece-nos que as experiências promovidas de associativismo entre os mais pobres e o seu recente 'gosto pela política' – enquanto protagonistas da ação – poderão auxiliar na consolidação democrática brasileira ao intensificar a pluralização religiosa nesta esfera da sociedade.

Alexandre Brasil Fonseca, mestre em Sociologia e doutorando em Sociologia pela USP.

Ivone Gebara

Um tempo passado e um tempo presente

Nós, mais velhas, pensamos, muitas vezes, que é difícil ser jovem hoje. É como se agradecêssemos a Deus por não sermos mais jovens embora a saudade da juventude sempre se faça sentir. Nossas contradições existenciais estão sempre presentes!

Tem coisas da juventude que são experiências únicas, inesquecíveis e a gente as recorda com carinho, espanto e satisfação, dependendo do teor. Cada pessoa guarda no cantinho de sua memória alguma experiência especial da juventude que é marcante até hoje.

Mas, o tempo passa, corre, voa e, de repente já nos descobrimos a falar do "meu tempo de juventude" ou dos "jovens de hoje". Jovens já não somos nós, são outros dos quais falamos. E falamos deles a partir de nossa própria experiência, a partir dos anos que se acumularam em nossa história, anos que abrem e ao mesmo tempo limitam nossa maneira de entender a juventude.

Falar da juventude é sempre um risco quando já não se é mais jovem... A gente corre o risco de interpretar a vida a partir de sentimentos e pensamentos que já não são jovens. A gente corre o risco de ser categórica e perder a "leveza" e a mobilidade da juventude.

Que difícil é ser jovem hoje quando não há mais empregos, quando as relações humanas são tão frágeis, quando a instabilidade emocional se faz tão forte, quando o futuro do planeta é incerto.

Que difícil é ser jovem quando o futuro é ameaçado pelo louco presente, quando as velhas gerações prepararam um mundo que poderá explodir, ir pelos ares num segundo.

Que difícil é ser jovem em tempos de globalização e de guerra, quando o desejo do 'ter' e a competição desenfreada pelo domínio do mundo conduzem à violência sobre nós e sobre os outros.

Que difícil é ser jovem hoje quando o abismo de gerações parece ser cada vez maior e a era da comunicação, com sua tecnologia avançada, impõe quase a falta de comunicação de coração a coração!

Que difícil é ser jovem em meio à música barulhenta dos dias de hoje, em meio aos sons metálicos da moda que abafam vozes e introduzem um outro jeito de comunicação que parecemos desconhecer.

Mas, para quem é difícil ser jovem hoje?

Quem afirma a dificuldade de ser jovem hoje são as pessoas mais velhas, aquelas que, quando jovens, eram também lamentadas pelos mais velhos de seu tempo. Uma geração lamenta a juventude da outra como se seu tempo tivesse sido melhor ou pior. De algum modo queremos marcar as diferenças qualitativas e quantitativas que nos unem e ao mesmo tempo nos separam.

Cada geração pensa que a sua geração foi mais fácil, mais respeitosa, mais interessante e teme pela nova geração. Ou, cada geração pensa que a sua geração viveu a dureza da vida, as privações, a luta para sobreviver e que agora, para as moças tudo parece estar sendo oferecido "de bandeja". Por isso, temem a falta de constância e se apavoram diante do espírito de aventura das mais jovens.

Entretanto, sabemos que em cada idade se vivem as realidades possíveis para cada idade. Sabemos, desde a sabedoria antiga, "que há tempo para tudo" e não se pode fugir dessa condição.

Mesmo que o presente seja difícil para os jovens, mesmo que as ameaças sejam grandes, parece que seu corpo e sua mente se ajustam aos desafios do momento. Foram mais ou menos preparados para "esse jeito diferente" de viver, foram mais ou menos iniciados para esta nova dança ou para esta nova música.

Cada uma de nós é capaz de enfrentar, mais ou menos, as dificuldades da vida como a vida se apresenta hoje. Nossa capacidade de adaptação às novas situações é impressionante. Bem ou mal,

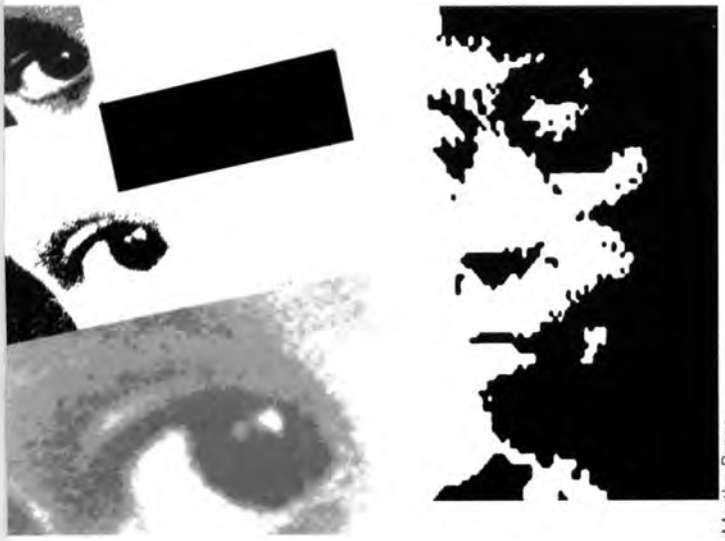
com alegria ou tristeza, com vitórias ou derrotas alguma resposta estamos dando aos desafios do momento. Por isso mesmo, a juventude de hoje, à sua maneira, com as heranças que recebeu de nós e de outros estará dando as suas respostas. Os frutos, as conseqüências históricas coletivas apenas serão do conhecimento da geração seguinte.

Hoje, já não se pode falar de juventude, mas de juventudes. Hoje, já não se pode falar de jovens sem referir-se à jovem mulher ou ao jovem homem, aos jovens do campo e aos da cidade. Hoje, já não se pode mais falar da juventude sem pensarmos na diversidade de culturas e de meios sociais a que pertence. Hoje, já não se pode falar de juventude sem falar da orientação sexual que assume. Hoje, não se pode falar de juventude sem explicitar de que juventude se quer falar. A juventude se torna complexa à medida que se tornam ainda mais complexos os processos sociais e culturais.

■ ■ ■

Que jovens quero lembrar especialmente neste momento? Que jovens me preocupam hoje mais que outros? Não posso falar de todos, mas limitar-me neste breve espaço a lembrar alguns.

Confesso que nos últimos vinte anos, por conta de minha opção feminista, minha preocupação maior tem sido a juventude feminina. Mas, hoje começo a incorporar com muita intensidade a preocupação com a juventude masculina. E isto por influência de meus jovens vizinhos, aqueles que há quase vinte anos eram crianças a correr pelas ruas brincando de bola e de pipa. Hoje, a maioria deles está aí, sem trabalho, sem estudo, sem futuro, sem grandes ideais na vida a não ser o de sobreviver com os magros trocados que conseguem prestando um ou outro serviço.



Martha Braga

Minha preocupação com eles se situa como angústia diante do mundo real que lhes entregamos como herança. Um mundo no qual suas vidas parecem ter bem pouco valor. Estão aí, topando tudo, até morrer, pela alegria de comprar um tênis da Nike ou da Adidas. Estão aí, frágeis guardiães de tráfico de drogas, expostos às raivas do momento de algum chefe de *gang* que sentiu seu poderio ameaçado. Estão aí andando pelos morros e becos, mostrando-se ou escondendo-se, esperando talvez a morte por uma bala disparada por policiais ou por outros jovens. Seu futuro é seu presente arriscado e perigoso. Seu futuro é uma foto estampada em primeira página no Diário de Pernambuco!

Esses jovens são aqueles meninos que vinham correndo para meu colo pedindo uma moeda para um picolé ou um saquinho de pipoca. São os mesmos que eu beijava, abraçava e consolava. Agora muitos continuam lá. Já não correm para mim como antes. Apenas sorriem confiados e desconfiados. Vejo seus olhos meio sombrios. Perderam o brilho e a alegria da infância. Nos seus corpos de jovens homens se escreveram marcas de carências indeléveis, marcas de abandono e ódio misturadas a risos debochados. O que fizemos de nossos filhos? O que fizemos das crianças? O que fizemos do futuro, fruto de nossas entranhas? Falar desta juventude me entristece e me convoca de novo a participar da mudança do mundo por mais justiça e ternura.

Juventude! Jovens queridos de minha rua, jovens com apelidos diversos ou "nomes de guerra"... Maurinho, Leo, Pedro Bola, Chicó, Bai, Quinho, Negão, Quel, Nena gostaria que vocês estivessem presentes hoje e amanhã, com dignidade e respeito, na história brasileira. Gostaria de ter a certeza mínima do amanhã próximo e distante de sua velhice. E, quando eu já não estiver mais por aqui para dizer "no meu tempo", possam vocês guardar na memória, a secreta magia e a secreta beleza de seus tempos de juventude. Que vocês possam falar do "seu bom tempo" de menino moço. Que vocês possam dizer a suas filhas e filhos: "que bons tempos foram aqueles", "que juventude boa foi a nossa"!

Terra Santa – ódio e *apartheid* palestino

Alex Akcelrud

Simpósio vetado à mídia, "Os Direitos Humanos do Povo Palestino na Cisjordânia Atual", não teve a repercussão necessária. Há um *lobby* do sionismo internacional sobre a mídia. Este artigo é uma apresentação da fala do patriarca ortodoxo de Jerusalém no Simpósio. Precisa ser lido, reproduzido e distribuído para atender ao apelo de Theodosios. Quando este número estava sendo editado, os jornais diziam que um grupo rebelde em Israel declarava-se não disposto a "ocupar, deportar, destruir, bloquear, assassinar, humilhar, e matar de fome todo um povo". O nome do grupo responde aos apelos do patriarca: "coragem de resistir"

Pela primeira vez no Brasil, a questão palestina foi tema de simpósio internacional: "Os Direitos Humanos do Povo Palestino na Conjuntura Atual". Realizado pela Unicamp e a Prefeitura de Campinas (28 a 30/nov), com a presença de vários especialistas, autoridades civis e eclesiásticas da Terra Santa, o Simpósio teve seu ponto alto na denúncia das chacinas, atentados à liberdade de culto e sabotagem à organização comunitária dos cristãos palestinos (ortodoxos, evangélicos e católicos) pelo exército israelense de ocupação.

LOBBY SIONISTA CALA A MÍDIA

Foi dado a conhecer, com precisão documental inédita no Brasil, o conjunto de fatores da tragédia palestina. Economicamente, a vida se faz miséria, porque as tropas de ocupação obrigam ao desemprego e impedem o fluxo de água, pessoas e mercadorias entre os pequenos bantustões* palestinos, que o exército invasor separa uns dos outros à ponta de baionetas. Tem sido assim há longos anos.

Fontes de água são usurpadas pelo exército invasor, e a mesma água é vendida ao povo que lá morava por um preço mais de quatro vezes superior ao cobrado aos israelenses. Famílias cujos membros vivem a dez minutos uns dos outros não se encontram há vários anos por viverem em bantustões separados, e não há como criar escolas ou atividade econômica suficiente para os estudantes, trabalhadores, produtores e mercadores de cada bantustão isolado.

Escorraçadas de onde viviam há séculos, por força militar, as comunidades se amontoam em espaços cada vez menores. E os problemas de saúde se acumulam com doenças provocadas por superlotação e falta de ventilação. Mas os que adoecem ou são baleados morrem freqüentemente. O exército bloqueia-lhes a chegada aos hospitais.

As famílias palestinas se confundem com a própria história da terra. Há séculos vemos entre elas as dos guardiões do Santo Sepulcro, da tumba de Davi e de tantos outros lugares históricos. Mas no século XX foram impedidas de andar na própria terra, pela primeira vez em mais de mil anos. Quem for à Igreja do Santo Sepulcro verá cristãos de todas as vertentes e de todas as partes, menos da Palestina. Há muitos anos há tanques, jipes armados e baionetas entre Jerusalém e os que moram a poucos quilômetros de lá. A reunião de populares nos templos assusta, pois a coesão e o sentido de unidade e força coletiva que emana daí ameaça mais os tronos do poder do que qualquer terrorista. Mas cuidado, falar disso é perigoso: a tortura em Israel é legalizada. É permitido prender e torturar sem provas de crime nem ordem judicial, e se acumulam os casos dos que morreram nos cárceres e câmaras de tortura, sem qualquer acusação formal prévia.

O representante do Patriarcado Ortodoxo de Jerusalém, Theodosios Hanna, denunciou o *lobby* sionista internacional sobre a mídia para impedir que o mundo saiba das atrocidades. Afirmou serem as igrejas cristãs uma peça fundamental da resistência palestina diante do projeto sionista de limpeza étnica e religiosa da Terra Santa, pedindo que os cristãos brasileiros rompam o bloqueio da mídia, enfrentem as pressões e divulguem isto que você lê a seguir, inédito na imprensa brasileira.

* Durante o regime do *apartheid*, qualquer dos territórios com limitado grau de autodeterminação reservados aos negros sul-africanos. (N.E.)

Alex Akcelrud, historiador, trabalha com jornalismo de política internacional.
alex_akcelrud@ig.com.br

DENÚNCIA DE UM PATRIARCA ORTODOXO

Como líder espiritual da igreja cristã de Jerusalém, sendo a igreja do Santo Sepulcro a primeira igreja do mundo, quero agradecer a Campinas pelo carinho com que trata a causa palestina.

A igreja ortodoxa de Jerusalém nunca foi fechada e se orgulha de seu funcionamento ininterrupto há 2000 anos. Nosso país tem Jerusalém como coração, mas a Palestina de um modo geral é o país que une e representa a berço das três religiões monoteístas. Para nós, é esta união que faz da Palestina a Terra Santa.

As três religiões têm muito em comum, principalmente quanto à justiça e direitos humanos. Qualquer violação destes para nossas religiões é uma desobediência ao Criador, uma agressão à ordem divina.

Jerusalém, cidade milenar da qual nasceram e onde se espraiaram as três religiões monoteístas trabalhando pela paz e pelos direitos humanos, esta mesma cidade precisa do apoio de todos, porque ela está muito longe desses princípios das três religiões. Nela, hoje, não há mais respeito aos direitos humanos. Conhecida como a cidade da paz, está longe da paz pois as forças de ocupação estão arrasando com qualquer paz.

Os palestinos – muçulmanos e cristãos – representam um povo único, com a mesma história, mesma tradição, mesma língua e mesma terra. Ambos sofremos as atrocidades e injustiças perpetradas pelas forças de ocupação.

O cristianismo existe na Palestina há 2000 anos. O Islã chegou lá no século VII, a partir do segundo califa, Omar. Até hoje, desde o compromisso deste segundo califa há respeito aos povos e à liberdade religiosa, e nossas igrejas vivem em total harmonia com a religião islâmica. Nossas comunidades contaram com toda sua liberdade desde então até o século passado, quando começaram as agressões e, a partir de 1948, com a ocupação, tanto cristãos como muçulmanos têm perdido seus direitos.

Não admitimos que o conflito seja tratado como entre três componentes. O conflito é israelense-palestino. A comunidade cristã é inseparável da muçulmana, sofremos as mesmas agressões. E não há conflito entre as três religiões. O judaísmo não tem nada a ver com isso. É a religião judaica que sustenta e constrói a base do Islã e do cristianismo. É o sionismo que nos agride. Assim vemos o caso do rabino, o máximo líder espiritual judaico em Israel, que diz que os palestinos devem ser jogados ao mar, porque são um grupo de cobras, baratas, insetos e criaturas inferiores.

Temos uma invasão permanente, com vários milhares de palestinos assassinados (cristãos e muçulmanos) ao longo de tantos anos, sem que houvesse qualquer manifestação de um líder espiritual judeu em Israel para denunciar ou exigir justiça. Lá a sinagoga é cúmplice do Estado, e há ainda grupos extremistas judeus em campanha pela destruição de todas as estruturas em instituições cristãs e muçulmanas do país.

De 1948 até hoje, jamais houve propriamente qualquer massacre ou chacina sofrida pela comunidade judaica em nosso país. Mas há várias dezenas de massacres sobre cristãos e muçulmanos.

A discriminação sobre cristãos, muçulmanos e palestinos é igual e bem visível na região, dado o ódio com que as comunidades judaicas ocupantes nos tratam.

Peço aos brasileiros que, visitando Jerusalém, estendam a visita até as aldeias e pequenas cidades palestinas, para que sejam testemunhas oculares da destruição de igrejas e mesquitas, de casas de famílias cristãs e muçulmanas.

As mesmas proibições e bloqueios que os muçulmanos sofrem para entrar em Jerusalém e orar, também são impostas a nós, cristãos palestinos. É uma situação ininterrupta em 53 anos de invasão. É muito mais fácil para os senhores, como turistas brasileiros, entrar em Jerusalém, do que para os palestinos, cristãos e muçulmanos (que vivem a 8, 10 ou 15 quilômetros da cidade). Estamos irmanados aos muçulmanos na luta pela libertação de Jerusalém, Cidade Aberta.

Desde 1967 há um projeto de Jerusalém pura (só judaica) para nos apagar da história da cidade. Nós jamais negaríamos a importância de Jerusalém para o povo judeu, mas querem passar por cima da origem histórica do cristianismo em Jerusalém. Jesus Cristo, na terra, é palestino de origem e nacionalidade.

Não há restabelecimento da harmonia entre as três comunidades religiosas enquanto a ocupação durar. Trabalhamos pela paz. Mas paz sem justiça não existe. O diálogo entre as três religiões é impossível na Palestina de hoje, porque um dos componentes tem um plano de extermínio dos outros.

Seguindo a orientação de Jesus Cristo apelamos às igrejas cristãs do mundo para que sigam o exemplo de Jesus na defesa dos oprimidos, daqueles que sofrem e perderam seus direitos, para que a partir deste ensinamento cristão, o povo palestino possa então contar com toda a comunidade cristã do mundo. A omissão das igrejas cristãs aqui seria uma traição à essência do cristianismo.

É dever de todas as igrejas no mundo inteiro, defenderem o povo palestino onde o sionismo internacional tenta mostrá-lo com a imagem de terrorista e violento.

O sionismo internacional, para atingir seu objetivo imperialista, chegou até a criar igrejas híbridas no Ocidente (judaico-cristãs). Há até a Igreja Cristã Sionista formada nos Estados Unidos da América, com representação em Israel. As igrejas cristãs palestinas denunciaram esse plano maquiavélico que atenta contra a própria religião cristã.

É importante que haja esse contato entre as igrejas na Palestina (ortodoxa, católica e evangélica) e as ocidentais. Entretanto, a mídia e o sionismo internacional jogam pesado para que isto não seja divulgado no mundo ocidental. As pressões de Israel e dos Estados Unidos sobre as igrejas ocidentais é muito forte, o que pode explicar as omissões dessas igrejas. Há pressões sobre líderes cristãos e muçulmanos para que não falem da questão palestina. Dos sheiks muçulmanos que estavam no Brasil até 1991, 60% foram afastados do País, por terem a coragem de falar sobre a questão palestina. Saíram (nunca foram substituídos) por pressão dos Estados Unidos.

Nossa igreja na Palestina é ameaçada pelas forças de ocupação israelenses. Nunca vão colocar medo em nosso coração ou nos desviar. Não calarão nossa boca. Continuaremos a lutar para que o mundo inteiro ouça a fala e a verdade do povo cristão e do povo muçulmano da Palestina.

Houve pressões sobre o patriarca ortodoxo de Jerusalém. Israel chegou a tentar a deposição dele e a eleição de outro. Não conseguindo a deposição, pressionaram para que a igreja não se pronunciasse sobre a questão palestina. Quanto mais aumenta a pressão, mais aumenta a nossa resistência. É esta resistência ante as ameaças e agressões de Israel e seu exército, que clama pela mobilização e solidariedade dos cristãos brasileiros.

O racismo cordial está aí

Christian Morais

A partir de frases espontâneas num programa de TV, do qual escapam instantâneos e impulsos subconscientes, o Autor desvela o racismo embutido na classe média brasileira, e a mentira da assim proclamada democracia racial

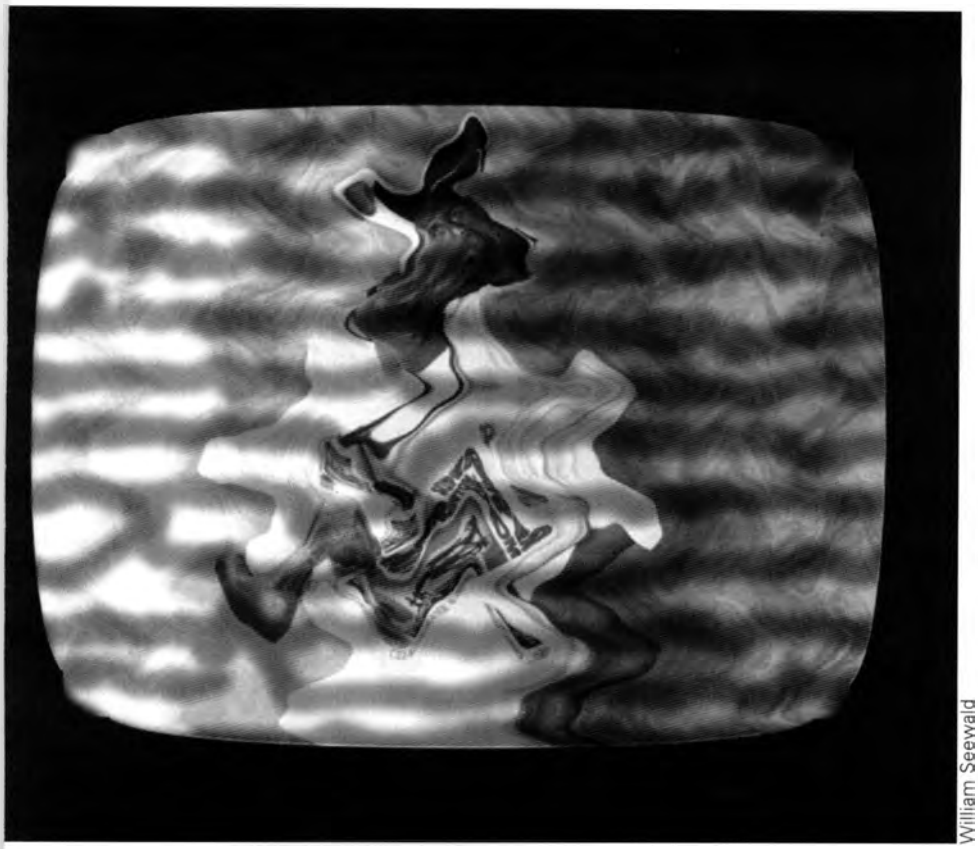
Às vésperas do Dia da Bandeira e na antevéspera do Dia Nacional da Consciência Negra, a maior emissora de televisão brasileira, num dos programas líderes de audiência, transmitiu um depoimento revelador sobre o caráter do racismo 'cordial' brasileiro. Se me permitem o trocadilho, a autora do depoimento deu a maior *bandeira* quanto ao que realmente pensa a classe média sobre os negros brasileiros. Refiro-me à edição de 18 de novembro de "No Limite" e à opinião da participante Cláudia Lúcia, motivada pelo *affair* envolvendo o modelo Fábio, negro, e a estudante Tatiana, loura, branca, judia, moradora da Barra da Tijuca. É o segundo casal inter-racial (na versão 2 já havia um) e o segundo caso de racismo (na primeira versão, após uma prova, o participante "Amendoim" foi chamado de "crioulo burro" pelo participante Marcos, também de classe média) em "No Limite".

Para quem não se recorda, um breve resumo: Fábio e Tatiana dormiam na mesma rede, onde enlaçavam as pernas, os braços e os corpos. Abraçavam-se, eram carinhosos um com o outro. Mas não houve envolvimento afetivo-sexual explícito, ou seja, não se beijaram, nem se acariciaram mais ousadamente. Cláudia viu nesse envolvimento um "jogo sujo" de sedução por parte de Tatiana, a fim de se manter na competição. Como em sua equipe havia apenas, além dos dois, ela e o *playboy* Diuare, amigo de Fábio, Cláudia se viu ameaçada por um suposto complô. E numa tentativa de justificar sua paranóia, desabafou, durante a entrevista que a produção faz com os participantes, usando mais ou menos estas palavras: "Onde que um cara como ele iria ter chance na vida de conseguir uma gata daquelas, uma menina lourinha e bonitinha?" Obviamente, para Cláudia – 36 anos, casada, moradora do Leblon (salvo engano), malhadora, mãe e "dona de casa com muita honra", como ela se assumiu – um homem negro, mesmo sendo modelo e, portanto, considerado fisicamente bonito, jamais teria oportunidade de se envolver com uma mulher de outra "raça", "loura e bonita". (Aliás, diga-se a bem da verdade que Tatiana, apesar de engraçadinha, não chega a ser nenhuma Ana Paula Arósio, para ficar no mais notório modelo branco de beleza global.)

A mais constrangedora e agressiva opinião de Cláudia, porém, fora pronunciada pouco antes, aparentemente em resposta a indagações sobre se se considerava racista ou se aceitaria alguém negro na família. Cláudia afirmou literalmente o que segue: "Não gostaria que minha filha, hoje com dez anos, quando estivesse com vinte anos se casasse com um homem negro. Já imaginou, ter como netos um monte de sararazinhos, e eu tendo que passar henê para alisar o cabelo deles?" A seguir, numa reação típica do racismo à brasileira, elogiou a beleza de Fábio, dizendo que ele tinha mesmo "os dentes mais bonitos do que os dela". Já Tatiana afirmou não ter nada contra Fábio pelo fato de ele ser negro, mas que ela não abriria mão de se casar com um homem judeu.

Vale lembrar que Tatiana também foi alvo de comentários racistas no mesmo episódio de "No Limite", quando colegas de equipe foram flagrados por câmeras e microfones ocultos referindo-se pejorativamente a ela como a "judia" "que mora na Barra". O participante Pedro, um pastor evangélico (!), citou a piada do judeu que "atravessa o rio a nado com um sonrisal na mão e chega do outro lado com ele inteiro" para ilustrar a suposta sovinice atribuída aos judeus. Posteriormente, diante das câmeras numa "entrevista oficial", negou ter preconceito e até elogiou o povo judeu, o qual classificou de "perseguido". E Fábio, candidamente, revelou que não se sentiu discriminado racialmente em nenhum momento da competição por ninguém da sua equipe.

Pronto. Está formado um retrato quase perfeito do racismo cordial brasileiro. Uma sociedade em que a princípio ninguém é racista, até o momento em que um negro entra na sua casa e é apresentado como namorado da sua



William Seewald

filha. E que, mesmo tendo "dentes bonitos" (ironicamente, era assim que os escravos eram avaliados pelo compradores: pela qualidade dos dentes) ou sendo modelo fotográfico, não pode, em nome da manutenção da eugenia familiar, vir a encaracolar os cabelos dos seus netos e "manchar a cor" da sua descendência. As reações à "Síndrome de Pelé" – o homem negro que se envolve com a loura – também ficam, sem trocadilho, bem claras na fala de Cláudia, na qual ela menospreza a capacidade de sedução e de conquista de Fábio ao considerar que ele nunca teria chance com alguém como Tatiana fora da competição. É como se só houvesse possibilidade de envolvimento de mulheres brancas com homens negros em função de interesses, seja sexuais, seja financeiros, de fama ou de manutenção num programa de televisão que paga 300 mil reais ao vencedor de um jogo de sobrevivência.

"Não gostaria que minha filha, hoje com dez anos, quando estivesse com vinte se casasse com um homem negro. Já imaginou, ter como netos um monte de sararazinhos, eu tendo que passar henê para alisar o cabelo deles?"

A atitude de Cláudia Lúcia – que, ao longo do programa, revelou-se uma pessoa de caráter duvidoso –, é claro, provoca de imediato indignação e repulsa. Mas também reflexão. Na verdade, o racismo explicitado por Cláudia Lúcia quase ingenuamente, na sua ignorância, na sua grosseria, é revelador da mentalidade que predomina na classe média, e, por extensão, na sociedade brasileira: "Não sou racista, mas não quero saber de negro na minha família, no meu trabalho, na vizinhança, no governo, na loja do *shopping*, nos anúncios de TV e nas novelas".

Sem querer, Cláudia pôs a nu o 'racismo cordial' brasileiro, aquele que, parodiando Oscar Wilde, "não ousa dizer o nome", porque uma vez anunciado – e portanto identificado, e portanto admitida sua existência – sua ação perderá eficácia. Ao racismo brasileiro é fundamental permanecer inominado. A forma insidiosa com que atua já demonstrou ser bem-sucedida no país que se vê como uma "democracia racial". Sorrisos e tapinhas nas costas dos 'negões', 'elogios' às supostas 'capacidades inatas' da negritude para samba, futebol, sexo e os trabalhos que exigem força física, são comportamentos que não raro vêm acompanhados de pagamento de salários menores, oferecimento de menos oportunidades de emprego, de educação, de saúde e de ascensão social, e daquelas incríveis negativas de vagas para negros em restaurantes vazios cujas mesas estão sempre reservadas para alguém que nunca chega.

Não são poucas as pessoas no Brasil que adotam estas práticas e comungam de ideologias racistas. Mas são raríssimas as que têm a cara-de-pau de admitir seu racismo na TV, afrontando o cinismo de uma sociedade que se considera um modelo de harmonia racial – a despeito de todas as estatísticas, que provam exatamente o contrário. Pode parecer um paradoxo, mas talvez, com mais Cláudias botando a boca no trombone sobre suas preferências étnicas, o racismo brasileiro comece a mostrar sua cara. Quem sabe um dia, finalmente, não lograremos esbofeteá-la?

Chistian Morais é jornalista

Brasil rural para além da agropecuária

José Eli da Veiga

Dois escorços – quais traços iniciais de um projeto – de dois cientistas, um ambientalista e outro político. O primeiro, também economista, afirma haver no meio rural "mais osmose entre os setores da economia do que as estatísticas sugerem". O segundo...

Se a população rural do Brasil fosse de 32 milhões de habitantes, como diz o Censo Demográfico de 2000, a economia rural do País seria menor que seu setor agropecuário. A conta é simples. A esses 32 milhões corresponderiam cerca de 15 ou 16 milhões de ocupados, enquanto o setor agropecuário sozinho ocupa uns 20 milhões. É verdade que o Censo Agropecuário de 1995/6 só achou 18 milhões. Todavia, ao ignorar os menores estabelecimentos, provocou uma subcobertura da ordem de 20%, revelada por levantamento simultâneo feito pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (LUPA). Pode-se estimar, portanto, que em meados dos anos 1990 a agropecuária empregasse – ou melhor, subempregasse – uns 21,6 milhões.

Tanta incongruência entre as estatísticas demográficas e as agropecuárias só acabará quando for superada a obsoleta visão normativa da separação urbano/rural instaurada no Estado Novo pelo Decreto-Lei 311/38. Adotando-se critérios mais razoáveis de análise de distribuição espacial do povoamento, percebe-se que a população rural do Brasil é de quase 52 milhões de habitantes, parte dos quais tem laços apenas indiretos com a agricultura. A população rural economicamente ativa deve estar próxima de 25 ou 28 milhões, dos quais uns 20 milhões exercem algum tipo de atividade agrícola, mas com exclusividade decrescente.

Quando se observa o processo histórico dos países que mais se desenvolveram, é facílimo perceber que o progressivo encolhimento da população ligada à agropecuária não foi acompanhado por uma queda comparável da população rural. Hoje, por exemplo, a agropecuária corresponde a menos de 10% dos Estados Unidos da América na área rural.

Também não é difícil perceber que em quase todas as localidades de diminuta população e baixa densidade demográfica, de qualquer canto do mundo, há envolvimento profissional dos que residem e trabalham na sede com atividades agropecuárias. Assim como também tende a ser cada vez mais freqüente que os agricultores residam na sede, ou tenham dupla moradia. Pequenos empreendedores e profissionais liberais, como lojistas, taberneiros, alfaiates, ou dentistas, todos também têm um 'pé na roça' quando vivem em municípios rurais. E membros da família de sitiantes, fazendeiros, chacareiros, também são empreendedores ou empregados nos mais diversos ramos de serviços e manufaturas. Enfim, quanto mais rural é um município, menor é a impermeabilidade dos setores econômicos.

Fora de aglomerações e centros urbanos há muito mais osmose entre os três setores econômicos do que sugerem as estatísticas brasileiras. Elas só dão conta de 60% do Brasil rural. A manutenção da anacrônica separação intramunicipal e administrativa dos espaços rurais e urbanos oficiais força a que os estudos sobre o Brasil rural se restrinjam aos 32 milhões de habitantes que residem fora dos perímetros que as Câmaras Municipais consideram urbanos. Infelizmente não se referem à vida de todos os 52 milhões que residem nos 4.500 municípios rurais.

Essa deplorável distorção talvez venha a ser corrigida no futuro. Seja com o surgimento de estatísticas que usem critérios mais modernos e adequados para delimitar os espaços realmente urbanos, seja por estudos que consigam consolidar um banco de dados sobre os 4.500 municípios rurais e os quase 600 "rurbanos".

Enquanto isso não acontece, é preciso se conformar com as deduções possíveis sobre o lado mais conhecido do Brasil rural, mesmo sabendo que ele corresponde a apenas 60% da realidade. Por exemplo, saber que só me-

tade das famílias consideradas rurais é exclusivamente agrícola. Um quarto delas é 'anfíbia', e 28% nem sequer exercem atividade no setor.

Além disso, há fortes diferenças entre as que trabalham por conta própria e as que trabalham para terceiros. Entre as famílias rurais que trabalham por conta própria, também metade é exclusivamente agrícola. Mas as 'anfíbias' chegam a um terço. E as 17% restantes não exercem atividades no setor. Já entre as famílias de empregados rurais, as exclusivamente agrícolas caem para 41%, as 'anfíbias' são apenas 17% e as que nem exercem atividades no setor atingem 42%.

Nunca será demais repetir que os dados estatísticos utilizados nesses cálculos embutem forçosamente uma grande subestimação da importância relativa dos setores terciário e secundário da economia rural, uma vez que não incluem as famílias que residem nas "pequenas cidades", como são chamadas as sedes dos 4.500 municípios rurais. Por isso mesmo, são suficientes para que se imagine o quanto a economia rural brasileira já é maior que seu setor agropecuário. E mais do que suficientes para que se perceba o quanto pode ser estreito e retrógrado tentar restringir o desenvolvimento rural à sua vertente agropecuária.

José Eli da Veiga, professor titular de Economia e Ciência Ambiental da USP

Um balanço político de 2001

Plínio de Arruda Sampaio

...revolve as disputas no Congresso Nacional – ele um ex-congresista –, elas que acabaram por minimizar a importância da vida política e arrastaram o País para o fundo do poço de uma dívida infindável com foros de sagrada

■ O ano político foi marcado por grandes disputas no interior do Congresso Nacional. A intensa luta entre lideranças hegemônicas e escandalosamente corruptas no Congresso resultou na queda de grandes e tradicionais mitos. Entre eles o mais significativo foi a escapada, sem ética, do senador Antônio Carlos Magalhães seguida de seu companheiro Roberto Arruda, quando veio à tona o escândalo da violação do painel de votações do Senado da Re-

Calicut

pública, por ocasião da cassação do senador Luís Estêvão. Depois foi a vez de Jader Barbalho, então presidente da casa, envolvido num sem-número de irregularidades.

■ Todas as vezes que a instituição legislativa foi chamada, no ano findo, para um testemunho de ética na política, ela falhou ou deixou a opinião pública perplexa e descrente. A legislação, no que diz respeito à ética e ao decoro parlamentar, está cheia de subterfúgios e não permite transparência de atitudes realmente convincentes. Os pequenos remendos e códigos de ética desfigurados não conseguem empolgar a opinião pública. Por outro lado, a constante interferência do Executivo, com os seus próprios hegemônicos, fez com que as iniciativas de legislação sempre se antecipassem ao Congresso, impondo-lhe as pautas. Quase sempre triunfaram os interesses governamentais.

■ Os temas principais continuam a reboque das linhas mestras do projeto hegemônico do Executivo. E este assiste, placidamente, ao fato de a classe política situar-se, cada vez mais, à margem dos verdadeiros interesses da sua população, particularmente a mais pobre e excluída.

■ O abuso de medidas provisórias, ainda que agora limitadas em sua repetição, impediu que aflorassem as discussões de temas de real interesse da população. Tais temas ainda continuam ausentes nas discussões legislativas.

■ Os debates não refletiram o interesse por políticas públicas favoráveis ao bem-estar da população nem se tornaram capazes de alicerçar profundas transformações sociais. O que se discutiu reflete muito mais as preocupações casuísticas do Executivo.

■ Os rumores e as mobilizações contra as denúncias de corrupção foram solenemente esvaziadas todas as vezes que chegavam na anteporta do governo. Este procedimento realimentou significativamente o ciclo fechado da corrupção.

■ Neste sentido e contexto, quase não se percebeu a importância da vida política no País como fator de debate democrático dos grandes temas nacionais. As campanhas que objetivam a sucessão presidencial já começam a ganhar corpo. As discussões que a acompanham pouco esclarecem a respeito de políticas públicas fundamentais capazes de resgatar as urgentes necessidades sociais, combater a pobreza e fortalecer a verdadeira democratização do País.

■ A Lei de Responsabilidade Fiscal, mesmo sendo um instrumento de austeridade, tornou-se uma camisa de força. Na prática é como se fosse uma barreira construída para garantir ao executivo os recursos necessários, sistematicamente retirados de orçamentos sociais.

■ Tudo caminha para garantir a continuidade e não a ruptura do projeto econômico de dependência. O mais importante é ter recursos para saldar os serviços das dívidas interna e externa. Com isso as discussões orçamentárias tornam-se estéreis jogos de interesses e barganhas pontuais, desde que não firam regras preestabelecidas. Não há nenhuma criatividade para se poder enxergar que prioridades são necessárias à realidade de um país cheio de jovens, em mutação e ávido de um crescimento justo e equilibrado para todos.

■ O ano termina com os espaços que se abrem para o avanço das elites, como sempre predatórias e distantes das prioridades éticas para o povo. Às elites interessam as garantias que lhes legitimem a hegemonia. As recentes discussões sobre possíveis modificações da chamada Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), salário mínimo e alíquota do imposto de renda, só fizeram enfraquecer as já precárias e injustas relações entre o capital e o trabalho, num país em recessão e com muita gente vivendo a realidade do desemprego.

■ Será que as eleições majoritárias do próximo ano poderão reverter esse quadro e proporcionar uma verdadeira consolidação de presença política do cidadão, não excluindo o papel do Estado, mas consolidando-o na sua expressão democrática a serviço do bem comum?
É só esperar e conferir em 2002.

Plínio Arruda Sampaio, professor da PUC/SP e assessor do Movimento dos Sem-Terra. Fonte: *Rede* – Boletim dos Cristãos das Classes Médias (dez/2001)

Os três reis

Gaspar era rei de Markash, o país de mar azul e praias brancas. Nele moravam homens e mulheres de pele clara, cabelos negros e olhos castanhos. Aos seus portos chegavam navios de todo o mundo que vinham para vender mercadorias exóticas. O comércio acontecia em todos os lugares, nos mercados das grandes praças e nas pequenas lojas de uma porta só, em vielas estreitas. Gaspar, da torre do seu palácio, contemplava tudo. Como rei ele deveria sentir-se feliz: todos lhe eram agradecidos e todos o amavam. Mas, a despeito de tudo isso, havia no seu coração uma tristeza incurável, nostalgia que mais doía quando o sol se punha sobre o mar incendiando as águas.

Por mais que se esforçasse o rei não conseguia sorrir. Gaspar convocou então os seus sábios e expôs-lhes o seu sofrimento. Os sábios lhe disseram que o remédio para a tristeza é o conhecimento. "A ciência é uma fonte de alegria", eles lhe disseram. O rei mandou então vir professores e cientistas de todo o mundo, importou livros, estabeleceu bibliotecas, montou laboratórios, construiu observatórios astronômicos. Por anos se dedicou à aprendizagem dos conhecimentos da ciência. Agora estava velho. Sabia tudo o que havia para ser sabido sobre o mundo. Mas a ciência não lhe trouxe alegria. Ele continuava sem saber sorrir.

Era madrugada. A luz do sol já iluminava o horizonte. O rei já estava desperto. Na varanda do palácio contemplava os céus estrelados. Foi então que, olhando para o oriente, viu uma nova estrela, estrela que não se encontrava nos mapas dos céus que conhecia. Era uma estrela diferente porque, ao contemplá-la, ele ouvia uma música de indescritível beleza que o fazia feliz. E sorriu pela primeira vez. Deslumbrado, mandou vir os sábios que ainda dormiam, e mostrou-lhes a estrela. Mas os sábios, olhando na direção que o rei indicara, nem viram estrela nem ouviram a música que ele dizia ouvir. Saíram, então, tristemente, convencidos de que o rei estava realmente velho. Os anos de senectude haviam chegado. Gaspar, indiferente à incredulidade dos sábios, ordenou que se preparasse um navio para uma grande viagem, na direção da estrela.

Balt-hazar era rei da Núbia, país montanhoso onde moravam homens e mulheres de pele negra e brilhante. As montanhas da Núbia eram cobertas de vegetação luxuriante, árvores gigantescas, frutas as mais variadas, onde viviam pássaros de todos os tipos. Por todos os lugares se viam riachos de água limpa, com remansos e cachoeiras. Era um país belo e fértil. Balthazar, da janela do seu palácio contemplava as montanhas e florestas que se perdiam de vista e pensava: "O Paraíso deve ter sido aqui..."

Entretanto, e a despeito da beleza e da fertilidade da terra, o rei não era feliz. Havia uma tristeza no seu coração, tristeza que ficava mais forte quando os pássaros cantavam seus cantos de final de tarde. O canto deles era belo e triste: o coração do rei era belo e triste...

O rei convocou os sacerdotes, videntes e profetas e falou-lhes sobre a sua tristeza. "De que me vale a beleza do meu país se o meu coração está triste?" perguntou. Os homens santos lhe disseram que a tristeza era sinal de que sua alma estava distante de Deus. "Deus é uma fonte de alegria", eles lhe disseram. Balt-hazar, então, mandou vir de terras longínquas, místicos e teólogos que lhe ensinassem os caminhos para Deus. Contratou também arquitetos e artistas para construir novos templos. E comprou os livros sagrados de todas as tradições religiosas do mundo. Por anos a fio ele se dedicou às coisas sagradas: leu, meditou, orou... Por fim, chegaram os anos da velhice. Balt-hazar conhecia tudo o que os homens sabem sobre os caminhos que levam a Deus. Mas o coração continuava triste, mais triste ainda quando os pássaros cantavam ao entardecer...

Já era madrugada. Balt-hazar, como de costume, levantou-se para as orações. Ele orava olhando para os céus, morada dos deuses. Foi então que, olhando para o horizonte, no lugar do sol nascente, ele viu uma estrela que nunca havia visto. Ao redor dela havia um arco-íris. Mas o estranho é que, ao contemplá-la, ele ouvia uma música de enorme beleza, semelhante à beleza do canto dos pássaros ao entardecer. Só que, ao ouvi-la, seu coração não ficava triste. Ao contrário; era inundado por uma alegria que nunca experimentara. O rei mandou chamar os sacerdotes, místicos e profetas. "Vejam aquela estrela", disse ele apontando para o horizonte. "E ouçam a música que sai dela!" Os homens de Deus olharam na direção indicada mas nem viram estrela nem ouviram música. Deixaram então o rei embriagado de alegria e comentaram, baixinho, entre si: "Nosso rei enlouqueceu. Isso quer dizer que o fim da sua vida está chegando..." Balt-hazar, entretanto, mandou preparar cavalos para uma longa viagem, na direção da estrela.

Mélek-hor era rei de Lagash, o país dos desertos e das areias sem fim. Lá viviam mulheres de olhos amendoados e homens rudes de barba espessa. A sua alegria eram os oásis que pontilhavam as areias com o verde das palmeiras e o frescor das fontes. Foi num desses oásis que Mélek-hor construiu o seu palácio com enormes blocos de pedra branca na forma de uma pirâmide. Pirâmides, como se sabe, são figuras mágicas que garantem a imortalidade. A aridez e solidão da vida

do deserto não o incomodavam. Na verdade, ele as considerava desafios para o corpo e para a alma. Mas havia uma coisa que o fazia sofrer: uma melancolia indefinível que sentia ao contemplar os horizontes ondulados de areia que o sol poente pintava de vermelho. O rei convidou seus amigos para um jantar e lhes falou sobre a sua melancolia. E eles lhe disseram: "É compreensível. Nosso país é muito árido. O que lhe falta, ó rei, são os prazeres da vida. Os prazeres o farão sorrir." Mélek-hor então, importou prazeres de todas as partes do mundo: vinhos, frutas, iguarias, músicos, artistas, mulheres lindas... Por anos ele se dedicou aos prazeres que há. Nisso ninguém o excedeu. Mas os prazeres não lhe trouxeram alegria. E ele, já velho, rezava em silêncio: "Não quero prazeres; quero alegria, quero alegria..."

A luz da madrugada anunciava que a noite chegava ao fim. O rei, do alto da sua pirâmide, tomava uma taça de vinho. Era hábito seu contemplar o sol nascente: isso sempre lhe dera prazer. Mas o prazer da beleza sempre lhe vinha misturado com tristeza. Mas, desta vez, não sentiu tristeza. Espantou-se ao perceber que estava alegre. E a alegria lhe vinha de uma nova estrela nunca vista que brilhava no céu. E — curioso! — ao contemplar a estrela ele ouvia uma melodia que o enchia de felicidade. Mélek-hor sorriu então pela primeira vez. Deslumbrado, mandou vir seus amigos. Apontou-lhes a estrela, falou-lhes sobre a música. Mas eles, olhando para os céus, não viram a estrela, nem ouviram a música. Amigos que eram, disseram ao rei: "Querido Mélek-hor, nosso rei amado: não há estrela, não há música. Tua mente já não percebe as coisas da terra. Ela navega nas águas do grande rio, na direção da terceira margem... Choramos porque sabemos que estás de partida..." E tristemente se retiraram, entoando um silencioso *requiem*. Mas o rei, indiferente às palavras dos amigos, mandou preparar os camelos para uma viagem na direção da estrela.

Gaspar, vindo do norte, no seu navio, Balt-hazar, vindo do sul, em seu cavalo, Mélek-hor, vindo do oeste, em seu camelo: três reis que não se conheciam. Agora, cada um do seu lugar, começava uma viagem na direção de uma estrela que só eles viam e de uma música que só eles ouviam.

Gaspar navegava em seu navio. Mas uma tempestade o arremessou contra recifes, despedaçando-o. O rei, lançado à terra pela força das ondas, continuou a pé a sua jornada: o navegador se transformou em andarilho. E aconteceu que, depois de muito andar, chegou a uma encruzilhada para onde convergiam os quatro caminhos do mundo: o caminho que vinha do norte, o que vinha do sul, o que vinha do oeste e o quarto, que conduzia ao oriente, onde estava a estrela. Foi na estalagem "Os quatro caminhos do mundo" que os três reis viajantes se encontraram. Descobriram, então, que eram irmãos: todos vinham da mesma nostalgia, todos caminhavam em busca da mesma alegria.

Continuaram, então, juntos, a jornada até que, noite já chegada, chegaram a um vilarejo. "Que vilarejo será esse?" perguntaram. *Beth-léhem*: esse era o seu nome, gravado numa pedra. "Que estranho", disse Gaspar: "Aprendi tudo o que há para ser aprendido sobre reinos, províncias, cidades e vilas. Mas nunca vi esse nome em qualquer um dos livros que li". Balt-hazar acendeu sua lâmpada de azeite e iluminou, com sua luz bruxoleante, o mapa que abrira sobre o chão. "Aqui está ela", ele disse marcando com o seu dedo um lugar no mapa. "Beth-léhem. Fica precisamente na divisa entre dois grande reinos. À esquerda está o Reino da Fantasia. À direita está o Reino da Realidade. São reinos perigosos. Quem mora só no Reino da Fantasia fica louco. Quem mora só no Reino da Realidade fica louco. Para se fugir da loucura há de se ficar transitando de um para outro, o tempo todo. Somente os moradores de Beth-léhem estão livres da necessidade de estar, o tempo todo, indo de um reino para outro. Porque Beth-léhem fica bem na divisa...

No vilarejo todos dormiam. Era uma noite de paz. O ar estava perfumado com flores de jasmim e magnólia. E havia um brilho no ar — milhares, milhões de vaga-lumes estavam pousados sobre as árvores. No ar, o som de uma flauta de pastor... A estrela iluminava uma gruta. Os reis se aproximaram. Na gruta havia vacas, cavalos, burros, ovelhas. Era uma estrebaria. Mas, junto com os animais, uma pequena família: um jovem e uma jovem que amamentava um nenezinho recém-nascido. Era só isso. Nada mais. Perceberam que haviam se enganado: não era a estrela que iluminava a cena. Era o nenezinho que iluminava a estrela. E olhando bem para ela puderam ver, nela refletido como num espelho, o rosto da criancinha. E disseram: "O universo é um berço onde uma criança dorme!"

Aí uma coisa estranha aconteceu: ao olhar para o nenezinho os reis perdiam a sua compostura real; eram dominados por uma vontade incontrolável de rir. E quando riam, ficavam leves e começavam a flutuar. Era assim: quem visse o menino se transformava em anjo... Os reis, em meio aos risos e vôos, olharam cada um para o outro e disseram: "Nossa busca chegou ao fim. Encontramos a alegria. Para se ter alegria é preciso voltar a ser criança..." Ato contínuo tomaram suas coroas, capas de veludo, dinheiro, ouro, jóias — coisas de adulto — e as depuseram no chão, ao lado das vacas e dos burros... Eram pesadas demais. E partiram leves, ora andando, ora pulando, ora voando, mas sempre rindo. "Vou mudar de vida", disse Gaspar. "É horrível ter de estar estudando ciência o tempo todo. Vou me transformar em poeta..."

"Eu também vou mudar de vida", disse Balt-hazar. "É horrível estar rezando o tempo todo. Vou ser palhaço. O riso é o início da oração".

Ao que Mélek-hor acrescentou: "E eu descobri o prazer supremo, que vem sempre acompanhado de alegria: brincar. Vou ser um fabricante de brinquedos. Quem brinca volta a ser criança. E quem volta a ser criança está de volta ao Paraíso."

E assim partiram, cada um por um caminho. E se você, nas suas andanças, se encontrar com um poeta, um palhaço ou um fabricante de brinquedos, pergunte se ele não tem notícias de uns três reis...

Este espaço está reservado para você

ANUNCIE AQUI

TEMPO E PRESENÇA abrange todo o território nacional, com público formador de opinião que pode e deve conhecer seu produto ou atividade

Maiores informações com o Setor de Distribuição pelo telefone (21) 2224-6713

Por uma terra sem males

Foto: Rosa Candiani / Unitalsi - Índios: os primeiros habitantes. DK 1&S1 - Igreja Evangelical Pentecoste - Publicidade e Propaganda Lyziane Regenda Tavares, Monica Carneiro Morais e Patrícia Duarte Dy - Indios

salesiana

CAMPANHA DA FRATERNIDADE CNBB

FRATERNIDADE E POVOS INDÍGENAS

Campanha da Fraternidade 2002

CNBB 50 ANOS